

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Bauru - Faculdade de Ciências
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem

Mara Aparecida de Castilho Lopes

**CONCEPÇÕES DE SURDEZ DE ADULTOS SURDOS QUE UTILIZAM
LÍNGUA DE SINAIS**

**BAURU
2010**

MARA APARECIDA DE CASTILHO LOPES

**CONCEPÇÕES DE SURDEZ DE ADULTOS SURDOS QUE UTILIZAM
LÍNGUA DE SINAIS**

Dissertação apresentada, como requisito para a obtenção do título de Mestre, à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, linha de pesquisa Aprendizagem e Ensino, sob orientação da Prof^a Dr^a Lúcia Pereira Leite

**Bauru
2010**

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr^a Lúcia Pereira Leite
UNESP – Faculdade de Ciências – Bauru

Dr^a Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – São Carlos

Dr^a . Ana Cláudia Bortolozzi Maia
UNESP – Faculdade de Ciências – Bauru

*A todos os amigos, surdos e
ouvintes, que contribuíram para
a realização deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve à minha frente, abrindo todas as portas.

Agradeço a toda a minha família, que sempre me apoiou, em especial meus pais, Natalina e Luiz, que percorreram comigo toda a trajetória desta pesquisa e até começaram a aprender a Libras; e minha irmã Eliza, que foi quem me apresentou à Psicologia.

Agradeço à minha orientadora, Dr^a Lúcia Pereira Leite, que sempre me transmitiu confiança e credibilidade, além de paciência, dedicação e muita compreensão.

Agradeço às professoras Cristina Lacerda e Ana Cláudia Maia, que ofereceram valiosas contribuições para a realização deste trabalho, também com muita compreensão e boa vontade.

Agradeço à Fapesp, que concedeu o apoio financeiro que permitiu minha dedicação exclusiva neste estudo.

Agradeço ao meu amigo e irmão Vincent, que contribuiu para este estudo com seu trabalho e suas palavras encorajadoras.

Agradeço à minha amiga Karla, com quem sempre pude contar; a seus avós, Maria e Nelson, e ao Jackson.

Agradeço à minha amiga Andréia, que acompanhou todos os meus momentos de alegria e desespero, com amizade e companheirismo.

Agradeço à amiga Daniele, que gentilmente concedeu um “olhar surdo” para a realização deste trabalho, mesmo nos atribulados momentos finais de sua graduação.

Agradeço à amiga Erika, que prontamente compartilhou sua visão de intérprete, que enriqueceu este estudo imensamente.

Agradeço ao CEDAU/NIRH, que favoreceu o contato com alguns surdos que se tornaram participantes desta pesquisa.

Agradeço a todos da Paróquia Maria de Nazaré, cujo espaço foi imprescindível para a conclusão desta pesquisa, e que trouxe um novo sentido para este estudo, no empenho coletivo em mostrar ao mundo que a unidade é possível.

Agradeço a todos os surdos que participaram desta pesquisa, com os quais aprendi muito mais do que poderia imaginar.

Agradeço à Hannah, cujas necessidades inspiraram o projeto desta pesquisa; sua tia Ligenia que me ajudou a visualizar o caminho a ser seguido; e a todas as Gen da Baita Paradiso, que me incentivaram a percorrê-lo.

Agradeço à Chiara Lubich, que me mostrou o Ideal que me ajuda a viver o momento presente, a cada dia.

LOPES, M. A. C. **Concepções de surdez de adultos surdos que utilizam língua de sinais.** 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

RESUMO

Diferentes concepções de surdez podem ser observadas na sociedade. Em geral, tais concepções apresentam-se fundamentadas em duas perspectivas antagônicas, que se distanciam essencialmente pela modalidade linguística que deve ser utilizada pela pessoa com surdez – língua oral ou língua de sinais. O aspecto linguístico também adquire grande importância no contexto da Psicologia Histórico-Cultural, na qual a linguagem enquanto função psicológica superior é um elemento central para a compreensão do desenvolvimento humano. Na tentativa de compreender como uma pessoa surda percebe sua condição de surdez, a presente pesquisa teve como objetivos: a) identificar as concepções de surdez apresentadas por surdos adultos que se comunicam em língua de sinais, b) analisar os conceitos que o surdo tem de si mesmo, enquanto usuário dessa modalidade linguística; c) verificar quais aspectos influenciam a identificação de uma pessoa surda, por outro sujeito na mesma condição; e d) investigar a influência do fator surdez na escolha de pares com quem um sujeito surdo manifesta interesse em se relacionar. Participaram do estudo dez sujeitos surdos adultos, usuários da Língua Brasileira de Sinais – Libras, membros da comunidade surda de Bauru-SP. A coleta dos dados foi realizada individualmente, tendo como instrumentos: questionário de caracterização, roteiro de entrevista semiestruturada e um teste sociométrico, baseado em fotografias. Os procedimentos de coleta foram filmados, transcritos e posteriormente analisados, mediante organização de categorias elaboradas a partir das semelhanças identificadas nas falas dos participantes. Os dados obtidos indicam que os surdos adultos descrevem essa condição com base em aspectos diversos, relacionados às suas experiências de vida, resultando em múltiplas concepções de surdez, que se manifestam de forma concomitante. Essas mesmas concepções se apresentam enquanto critérios norteadores para a identificação da surdez nas fotografias quando os participantes descrevem nas fotos elementos como próteses auditivas, ainda que estas não estejam visíveis. Entretanto, tais resultados se mostram insuficientes para garantir a existência de características físicas que possam ser associadas à surdez, pois muitos participantes parecem reconhecer na região facial algum indício dessa condição – o que remete à necessidade de investigações posteriores nessa perspectiva. Observou-se ainda que, em geral, os participantes demonstraram maior interesse em estabelecer interações sociais com pessoas surdas, sendo que o aspecto comunicativo representou um fator determinante na manifestação dessa preferência, uma vez que a língua de sinais ainda é pouco conhecida pela sociedade ouvinte. Tais dados ressaltam a necessidade de maior difusão e valorização da Libras nas diversas esferas sociais.

Palavras-chave: Surdez. Linguagem. Psicologia.

LOPES, M. A. C. **Conceptions of deafness of deaf adults who use sign language.** 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

ABSTRACT

Different conceptions of deafness can be observed in society. In general, these concepts are presented based on two opposing perspectives, which are distant from the essentially linguistic modality that should be used by deaf people – oral language or sign language. The linguistic aspect is very important in the context of Historic-Cultural Psychology, in which language while superior psychological function is central to understanding human development. In an attempt to understand how a deaf person perceives his condition of deafness, this research aimed to: a) identify the concepts of deafness presented by deaf adults who communicate in sign language, b) analyze the concepts that the deaf must itself as a user of this type language, c) ascertain which aspects influence the identification of a deaf person by another person in the same condition, and d) investigate the influence of deafness factor in the choice of peers with whom a deaf expresses interest in relate. The study included ten subjects deaf adult users of the Brazilian Sign Language - Libras, members of the deaf community of Bauru-SP. Data collection was performed individually, and as instruments characterization questionnaire, semi-structured interviews and a sociometric test, based on photos. The collection procedures were videotaped, transcribed and later analyzed by the organization of categories drawn from the identified similarities in the speeches of the participants. The data indicate that deaf adults describe this condition based on various aspects related to their life experiences, resulting in multiple conceptions of deafness, which are manifested in a concomitant and sometimes contradictory. These same concepts are presented while guiding criteria for the identification of deafness in the photos when the participants described the photos as evidence hearing aids, even though they are not visible. However, these results are insufficient to ensure that no physical characteristics that may be associated with deafness, as many participants seem to recognize the facial region is some indication of the condition - which refers to the need for further investigations in that perspective. We also observed that, in general, participants showed more interest in establishing social interactions with deaf people, and the communicative aspect was a factor in the manifestation of this preference, since sign language is still little known by the hearing society. These data underscore the need for greater dissemination and use of Libras in different social spheres.

Keywords: Deafness. Language. Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Época da aprendizagem da Libras pelos participantes e forma de comunicação anterior.....	38
Quadro II: Eixos de categorias organizadas a partir das falas dos participantes.....	53
Quadro III: Identificação das pessoas com surdez.....	84
Quadro IV: Escolha das fotografias para possíveis amizades.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: foto 1.....	83
Figura 2: foto 2.....	83
Figura 3: foto 3.....	83
Figura 4: foto 4.....	83
Figura 5: foto 5.....	83
Figura 6: foto 6.....	83
Figura 7: Ocorrências de justificativas apresentadas na identificação das pessoas com surdez.....	89
Figura 8: Frequência de escolha de fotografias apontadas como sendo de pessoas surdas.....	91
Figura 9: Número de ocorrências por justificativa apresentada na escolha das possíveis amizades.....	99
Figura 10: Frequência de escolha das fotografias para possíveis amizades.....	100

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Linguagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural	14
1.2 As diferentes visões sobre a surdez	18
1.3 Surdez e Comunicação	23
2 MÉTODO	31
2.1 Participantes e Local.....	31
2.2 Elaboração e adequação dos instrumentos.....	39
2.3 Procedimentos de coleta de dados.....	44
2.4 Procedimentos de tratamento e análise dos dados.....	46
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
3.1 Eixo 1: Concepções sobre surdez: percepções e sentimentos.....	54
3.2 Eixo 2: Surdez e relacionamentos sociais.....	62
3.2.1 Percepção da surdez a partir da identificação com pares igualmente surdos.....	63
3.2.2 Percepção da surdez a partir das interações sociais.....	66
3.2.2.1 Interações entre surdos e surdos.....	67
3.2.2.2 Interações entre surdos e ouvintes.....	69
3.3 Eixo 3: Surdez e comunicação.....	72
3.4 Identificação das pessoas surdas.....	81
3.5 Influência da surdez nas interações sociais.....	94
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE A – Informações adicionais sobre a Libras.....	113
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	116
APÊNDICE C – Questionário de caracterização dos participantes.....	117
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturada	118
APÊNDICE E – Exemplo de transcrição da entrevista semiestruturada.....	119
APÊNDICE F – Exemplo de transcrição do teste sociométrico	123

APRESENTAÇÃO

O estudo das diferentes concepções de surdez que podem ser encontradas na sociedade é uma temática que gera muitas reflexões. De um modo geral, a partir de uma compreensão histórica, duas visões opostas emergem na discussão sobre abordagens educacionais de surdos, que posteriormente evoluíram para abordagens filosóficas e atualmente se caracterizam como verdadeiros edifícios teóricos dicotômicos, nos quais a língua oral e a língua de sinais constituem os aspectos principais dessa disputa.

As diferenças entre essas duas visões de surdez também apresentam outras implicações, entre as quais destaca-se aqui a terminologia utilizada para se referir a essa condição: *deficiente auditivo*, *surdo* ou *Surdo*.

Em linhas gerais, aqueles que preferem o termo *deficiente auditivo* utilizam essa definição situando a surdez no mesmo patamar de outras deficiências – um desvio da normalidade, que poderia ser atenuado pela aprendizagem da língua oral (BEHARES, 1999).

Já os termos *surdo* ou *Surdo* normalmente surgem associados a uma visão de surdez enquanto diferença, essencialmente linguística, respeitando-se suas especificidades (MOURA, 1996; DORZIAT, 2003).¹

Diante desses diferentes posicionamentos, uma importante indagação surge enquanto hipótese investigativa: até que ponto o aspecto linguístico influencia a forma como o próprio sujeito se denomina, ou se concebe?

Tal questionamento parece evidenciar a necessidade de um novo olhar, partindo de outro referente: a visão do próprio sujeito, aqui denominado pelo termo *surdo* – que

¹ Ainda que o termo *surdo*, grafado com inicial minúscula, também seja utilizado para representar o sujeito que pertence a um grupo social minoritário, linguisticamente constituído, Moura (1996) também diferencia os termos *surdo* e *Surdo*. Para essa autora, o termo *surdo* refere-se a uma condição biológica de não ouvir, enquanto *Surdo* refere-se à pessoa que apresenta algum tipo de perda auditiva, mas sua característica mais representativa é o fato de pertencer a um grupo minoritário.

embora grafado com inicial minúscula, também pretende representar aqui o sujeito que apresenta uma forma particular de apreensão de mundo, através do visual e da língua de sinais (DORZIAT, 2003).

Porém, há também outros aspectos que, de certa forma, seriam responsáveis pela escolha do termo *surdo*, não somente no contexto da presente investigação, mas que estiveram presentes desde o primeiro contato da pesquisadora com o grupo aqui estudado: a comunidade surda.

Inicialmente, essa relação se deu a partir da frequência em curso ofertado pela associação INTEGRA – Profissionalização e Sociabilização do Deficiente Auditivo, do município de Sorocaba-SP, que tem como um de seus objetivos a divulgação da Língua Brasileira de Sinais – Libras, através de aulas e palestras ofertadas às pessoas interessadas da comunidade em geral.

O aprendizado da Libras favoreceu outros contatos posteriores com os surdos, mais especificamente nas situações de estágio curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) do município de Marília-SP, com crianças e adolescentes surdos que utilizavam essa língua. Nessas ocasiões, as crianças e adolescentes recebiam atendimento fonoaudiológico e pedagógico no Centro de Estudos da Educação e da Saúde (CEES), vinculado ao campus da Unesp dessa cidade.

Durante o período de graduação, o contato da pesquisadora com a investigação acadêmica sempre esteve bastante presente, tornando-se mais intensificado na iniciação científica, financiada pelo PIBIC/CNPq/Unesp. Esse estudo, “Percepções de famílias de alunos não-falantes sobre as possibilidades expressivas de seus filhos”, foi orientado pela professora Débora Deliberato, da Unesp de Marília.

Após o término da graduação, as experiências profissionais da pesquisadora favoreceram maiores contatos com os surdos e com a Libras, enquanto professora de sala de

recursos, inicialmente na rede municipal e posteriormente na rede estadual de ensino, no município de Bauru-SP.

Após tantas experiências com a surdez, vista de formas tão diferentes em cada situação específica dessa trajetória aqui descrita, um aspecto permanecia constante: a língua de sinais enquanto língua própria do surdo, o elemento mais representativo de uma realidade que parecia tão diferente quanto instigante.

Durante o período de atuação profissional da pesquisadora, e também pelas frequentes interações com os surdos, muitas situações começaram a se tornar objeto de reflexão, principalmente com relação ao uso da Libras pelos surdos, que algumas vezes era relatada com tanto orgulho, outras vezes confessada com certo receio. Compreender a realidade do surdo realmente não tinha nada de simples.

Diante de todos esses fatores, vieram à tona outras indagações: quais seriam então os elementos envolvidos nas concepções de surdez apresentadas pelos próprios surdos? De que modo essas concepções influenciam as interações sociais estabelecidas entre os surdos e seus pares?

Destarte, o presente estudo buscou encontrar algumas respostas, propondo também novas indagações, na tentativa de promover reflexões que possam contribuir para que mais pessoas arrisquem-se a investigar as múltiplas visões que a surdez pode apresentar, conforme poderá ser observado nas páginas que seguem.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Linguagem e desenvolvimento na teoria histórico-cultural

Dentre as variadas linhas teóricas da Psicologia, a teoria histórico-cultural, desenvolvida por Vigotski² e seus colaboradores, é uma abordagem que possibilita compreender o desenvolvimento humano, com forte ênfase à sua participação social. Nessa abordagem, a linguagem tem um papel bastante representativo para a compreensão da constituição do sujeito, que se estabelece em um dado contexto cultural, num determinado momento histórico, nas relações sociais (VIGOTSKI, 1987; 2008).

Essa teoria compreende que os aspectos psicológicos que se estabelecem nas relações entre os sujeitos – portanto interpsicológicos – são tão importantes quanto os processos que, a partir daí, irão se desenvolver intrapsicologicamente no sujeito, havendo uma relação dialética entre ambos.

Tal relação é explicada por Leontiev (1978a), ao perceber o modo como o homem interage com a natureza: a partir do uso de instrumentos, o ser humano consegue transformar o meio em que vive, ao mesmo tempo em que, no decorrer desse processo, o próprio homem também se transforma.

Da mesma forma, Vigotski (1987; 2008) compreende que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores nos seres humanos, com o uso de instrumentos, aos quais ele chamará de signos, o homem se distancia dos animais, adquirindo habilidades específicas à condição humana. Nesse sentido, o desenvolvimento humano se apoia fortemente na ontogênese, superando o desenvolvimento natural, filogenético.

Em uma leitura da teoria vigotskiana, Leite (2003, p. 137) relata que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores poderia ser compreendida como um

2 Por se tratar de um sobrenome de origem russa, o nome desse autor possui diversas grafias na literatura. No presente trabalho, optou-se pela grafia Vigotski, conforme aparece nas traduções recentes da obra desse autor para a Língua Portuguesa.

“conjunto de estruturas mentais complexas capazes de realizar atividades que envolvam raciocínio abstrato, pensamento lógico-matemático, memória mediada, percepção e imaginação, uso funcional da linguagem entre outras”.

Dentre essas, a linguagem se destaca, pois, pelo seu uso e domínio é que se dá a participação do homem no contexto social e, conseqüentemente, a constituição de sua subjetividade. Para Vigotski (1996), a formação da concepção do eu – autoconhecimento e reconhecimento do outro – é possível através das relações mediadas pela palavra: “a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência” (MOLON, 2003, p. 83).

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a linguagem é entendida como função psicológica superior, portanto mais complexa do que um sistema de comunicação. Entretanto, também contempla um código linguístico comum às pessoas que o utilizam. Nessa perspectiva, ela se mantém por uma língua – sistema de signos – na qual a palavra é o signo que tornará possível a apropriação e criação de conhecimentos pelo sujeito.

O conceito de linguagem enquanto função psicológica difere-se, portanto, da forma de comunicação utilizada pelos membros de um dado grupo social, ou seja, a língua. Todavia, essa interpretação é particular das leituras da obra de Vigotski, pois a forma como os termos fala, língua e linguagem aparecem nos escritos do autor nem sempre é bem diferenciada, talvez porque as traduções de sua obra para diversos idiomas podem ter alterado o significado original de algumas de suas ideias.

No Brasil, as obras do autor foram inicialmente traduzidas da versão inglesa, na qual o termo *language* representa tanto a língua – idioma – quanto a linguagem – função psicológica.

Na tentativa de obter maior aproximação dos conceitos originais apresentados por Vigotski, Prestes (2010), uma pesquisadora fluente no idioma russo, sugere que as traduções

brasileiras de sua obra *Michlenie e retch* – inicialmente traduzida no Brasil, em 1987, como *Pensamento e linguagem* (VIGOTSKI, 1987; 2008) e posteriormente também traduzida como *Construção do pensamento e da linguagem* (VIGOTSKI, 2001), não consideram as diferenças que a palavra russa *retch* apresenta na obra de Vigotski, que para a referida autora, também poderia estar relacionado à fala enquanto expressão oral ou escrita (ou ainda, no contexto do presente estudo, gestual).

Entretanto, observa-se que na teoria histórico-cultural, o termo *língua* é sempre utilizado enquanto definição do conjunto de signos utilizado por determinado grupo social em seus processos de comunicação, como é, por exemplo, a Língua Portuguesa, a língua inglesa, ou a língua de sinais. Além disso, a língua a ser utilizada não está necessariamente vinculada ao som, pois conforme ressalta Vigotski (1987; 2008, p. 48), “não importa qual o meio, mas sim o uso funcional dos signos”.

Nesse direcionamento, Lacerda e Lodi (2009, p. 13) apontam que “é a língua, como sistema de signos, que permite a interação entre sujeitos e o partilhar de uma mesma cultura”.

Diante dos aspectos mencionados, no contexto da surdez, a língua de sinais surgirá como um aspecto de grande importância, ao criar condições para que o sujeito surdo estabeleça as interações sociais necessárias para o desenvolvimento dos processos interpsicológicos.

Entretanto, conforme apontou Vigotski (1999, p. 117), “a linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente”, e apenas em momento posterior se transformará em uma função interna. Por essa razão, se a língua de sinais for oferecida tardiamente à criança surda, poderá ocorrer atraso no desenvolvimento da linguagem, implicando em graves consequências futuras, ainda que haja o aprendizado de uma língua tardiamente (LACERDA, 2007).

Infelizmente, essa é uma realidade vivenciada por grande parte das crianças surdas, que em geral possuem pais ouvintes e dificilmente têm a oportunidade de conhecer a língua de sinais nos primeiros anos de vida. Assim, durante muito tempo permanecem privadas do contato com uma língua.

Esse é um aspecto particularmente agravante, visto que alguns determinados aspectos da linguagem, analisados por Vigotski (1987; 2008), iniciam-se ainda durante a infância e posteriormente passam por transformações, conforme o autor afirma no estudo sobre a formação de conceitos na criança. Para ele, o adulto não transmite à criança o modo de pensar; ele apenas apresenta a ela o significado, convencionalmente instituído, da palavra. Dessa forma, a criança é inicialmente guiada pela palavra do outro e, apenas posteriormente, utiliza as palavras para elaborar seu próprio pensamento.

Assim, a aprendizagem de uma palavra pela criança é apenas o início de um processo de generalização, na medida em que surgem novas situações de utilização para essa palavra (GÓES; CRUZ, 2006). Nessa compreensão, enquanto o seu significado permanece estável, o sentido se altera constantemente, conforme o contexto em que a palavra surge.

Além disso, Vigotski (2008, p. 152) também ressalta que “não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra”. Desse modo, considera também a evolução histórica da linguagem, na formação do conceito no decorrer da vida do sujeito e do grupo social em que se insere.

Diante de todas esses aspectos, acredita-se que a temática da surdez, enquanto conceito a ser investigado, possa surgir de forma diferente em diversos contextos, de modo que o sentido atribuído a essa palavra está relacionado a vários aspectos presentes na constituição do próprio sujeito surdo e na sua relação com o meio. Nesse panorama, a língua de sinais destaca-se como elemento central nessa investigação.

1.2 As diferentes visões sobre a surdez

De modo geral, dois modelos teóricos norteiam as pesquisas acadêmicas que envolvem o estudo das deficiências: um que compartilha uma visão clínica, centrada no indivíduo, e outro que defende uma visão socioantropológica – na qual a deficiência está focalizada externamente ao indivíduo (BEHARES, 1999).

As mudanças na visão das pessoas com deficiência também trouxeram implicações para a discussão sobre as concepções de surdez, na qual as práticas de reabilitação aparecem contextualizadas em um ou outro pressuposto teórico, como afirma Lopes (2007, p. 7):

[...] para além da materialidade do corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos – clínicos, linguísticos, religiosos, educacionais, jurídicos, filosóficos, etc.

No entanto, todas as discussões a respeito das diferentes concepções de surdez não possuem qualquer sentido se não compreendem a visão daqueles que são os mais diretamente atingidos por essa condição: os próprios surdos.

Em diversas ocasiões, as concepções simplistas de surdez resumem essa condição a uma única definição: o surdo é aquele que não ouve. Entretanto, a forma como a surdez vem sendo apresentada nos mais diversos setores sociais sugere que essa condição representa mais do que uma simples comparação entre ouvir e não ouvir. Conforme aponta Carvalho (2004), tais classificações das diferenças desconsideram os aspectos culturais, políticos e ideológicos por trás dessas afirmações.

Por concepções simplistas, caberia exemplificar aqui aquelas situações – muito frequentes – em que se observam pessoas que acreditam que todos os surdos se comunicam em língua de sinais, pelo simples fato de que já viram pessoas surdas se comunicando dessa forma. Ou ainda, posicionamentos que defendem que qualquer pessoa surda é capaz de

desenvolver a fala oral, com base no fato de que já conheceram algum surdo que se comunicava oralmente.

Nesse aspecto, pode-se afirmar que as definições mais atuais de surdez não estão mais fundamentadas somente em bases biológicas – etiologia, grau de perda, época da perda, entre outras. O aspecto comunicativo é o que tem se mostrado mais relevante para definir quem poderia então ser denominado *deficiente auditivo* e quem estaria adequadamente definido como *surdo*.

Dessa forma, percebe-se que algumas considerações teóricas de natureza socioantropológica descrevem o surdo que também se comunica oralmente como um sujeito que estaria assumindo sua condição de desviante e tentando se adequar aos padrões de normalidade, o que, portanto, o afasta de uma condição de *surdo* e o aproxima de uma condição de *deficiente auditivo*. Por outro lado, se assumem sua diferença perante a sociedade, apropriam-se da língua de sinais enquanto característica constitutiva de sua condição, e também renunciam à língua oral enquanto condição imposta e elemento de dominação cultural, aí sim estão aptos a serem chamados novamente de *surdos* (SKLIAR, 2005).

Nessa mesma perspectiva, Perlin (2005) afirma que, em decorrência dessa imposição cultural, a surdez sempre esteve situada em posição de inferioridade em relação à condição de ouvinte. Para a autora, esse fato induz os surdos a desenvolverem uma concepção de surdez semelhante aos ouvintes, inclusive partilhando dos mesmos estereótipos sobre a surdez. Contudo, na fala dessa autora, se poderia questionar quem são esses surdos. Diante das afirmações anteriores, seria possível presumir que fossem todos, tal como um grupo homogeneamente constituído?

Evidentemente, não. Ainda que alguns discursos perpetuados em contexto teórico e político tentem afirmar a uniformidade entre os grupos minoritários, na tentativa de garantir

sua visibilidade e autoafirmação na sociedade (GESSER, 2009), os surdos são pessoas que diferem entre si, em diversos aspectos – sociais, econômicos, históricos e biológicos.

Somado a todos esses fatores, os surdos – mesmo os que utilizam uma língua diferente da majoritária - estão inseridos em uma sociedade que compartilha uma mesma cultura, assim como uma visão semelhante sobre vários aspectos, o que remete novamente à questão do estereótipo.

Para melhor compreender como os estereótipos de surdez influenciam a visão que a sociedade apresenta sobre o sujeito surdo, convém apresentar algumas definições desse termo.

Utilizado primeiramente por Lippmann (1922 *apud* OMOTE, 1984), o conceito de estereótipo pode ser definido como uma imagem mental que um sujeito possa ter de determinado objeto.

Para Omote (1984), o estereótipo pode ser compreendido de três formas: enquanto mediadores na relação sujeito-objeto; enquanto condutas verbais, dentre as quais um objeto poderia ser associado a um ou mais termos ou traços específicos que o definiriam; e ainda, enquanto generalizações que as pessoas pudessem fazer acerca de determinados grupos sociais – que é a compreensão de estereótipo sobre a qual se pretende discutir aqui.

Hinton (2000) aponta também três componentes do estereótipo: identificação de uma pessoa ou grupo por uma característica específica; atribuição de características adicionais a uma pessoa ou grupo; e identificação de uma pessoa ou grupo por sua característica principal.

Em uma pesquisa desenvolvida por Omote (1988), buscou-se verificar quais estereótipos eram atribuídos às deficiências visual, auditiva, física e intelectual, por estudantes de um curso superior de formação de professores. Nesse estudo, atribuiu-se às pessoas com surdez os estereótipos de “agitados”, “mudos”, “incoordenados”, “atenciosos”.

Atualmente, algumas vezes essas características ainda são atribuídas às pessoas com surdez, principalmente quando estas utilizam a língua de sinais. Isso porque, sendo uma língua pouco conhecida na sociedade, muitas vezes ocorrem dificuldades na comunicação com pessoas ouvintes. Tais fatores também contribuem para que as pessoas com surdez sejam pejorativamente chamadas de mudas, ou surdo-mudas, ainda que muitas delas consigam desenvolver a oralidade.

Em momento posterior, Omote (1993) verificou a relação entre a atratividade física facial e a percepção de deficiências em fotografias de crianças por alunos, de um curso superior de Pedagogia. O autor constatou que as fotografias de sujeitos considerados de baixa atratividade física eram mais frequentemente apontadas como sendo de pessoas com alguma deficiência. Os participantes utilizavam como critérios características físicas concentradas na área da face e dos olhos, embora também estivessem presentes indicadores relacionados aos estados subjetivos, tais como tristeza ou alegria. Essa pesquisa constatou que, em ocasiões em que os participantes são orientados a suspeitar de alguma deficiência em alguém, as pessoas tendem a dizer que alguns tipos de deficiência, mesmo as que não são visíveis ou aparentes, “estão na cara” (OMOTE, 1993, p. 122).

É importante ressaltar aqui o fato de que pesquisas dessa natureza em geral são realizadas unicamente com participantes ouvintes. No entanto, para Omote (1988), as diferenças entre as pessoas com e sem deficiência também são percebidas dentro do grupo de pessoas com deficiência, de modo que as semelhanças entre os membros de uma mesma categoria são, por vezes, exacerbadas, enquanto as diferenças entre tais membros são negligenciadas, na tentativa de criar-se a ilusão de homogeneidade entre os deficientes de uma mesma categoria.

Porém, no que se refere à surdez, diante das várias formas de se perceber essa condição, há muitas diferenças existentes entre o modo como os próprios surdos se percebem,

sendo que o aspecto linguístico consiste em um fator de grande importância.

Nessa perspectiva, enquanto elemento de identificação de surdez em um dado sujeito, a língua de sinais também pode adquirir um caráter estigmatizante.

Goffman (1891; 1988) define o estigma como sendo um atributo depreciativo, de fraqueza ou desvantagem. Desse modo, uma pessoa pode ser estigmatizada por apresentar características diferentes daquelas apresentadas pela maioria. Para esse autor, o estigma pode ser de três tipos: 1) anormalidades do corpo; 2) culpas de caráter individual; e 3) relacionados a fatores como etnia, nação, religião, ou classe econômica.

O autor também explica que o estigma é determinado por dois fatores: a identidade social virtual (aquilo que se espera de certo sujeito) e a identidade social real (os atributos que o sujeito de fato possui). A diferença entre esses dois fatores é o que criará o estigma, ou seja, no momento em que esse sujeito se percebe – ou é percebido – enquanto diferente dos demais.

Esse autor também acrescenta que o estigma pode ser de dois modelos: visível ou invisível. O estigma visível é aquele que é percebido pelas pessoas que possuem uma característica aparente, enquanto que o estigma invisível só se torna real quando a característica é revelada, direta ou indiretamente.

No caso específico da surdez, percebe-se que o estigma pode surgir das duas maneiras. Ainda que o sujeito não possua qualquer elemento externo capaz de identificá-lo enquanto surdo, como uma prótese auditiva, ainda poderia ser facilmente identificado por apresentar uma fala oral diferenciada, ou por utilizar a língua de sinais. Dessa forma, o aspecto comunicativo também poderia ser um elemento estigmatizante.

Porém, no momento em que nenhuma dessas informações estivesse presente, acredita-se que os estereótipos de surdez, que permanecem ocultos sobre os elementos externos, poderiam vir à tona. Nessas circunstâncias, os atributos associados a essa condição

poderiam ser identificados, aumentando as possibilidades investigativas para o estudo da concepção de surdez.

1.3 Surdez e comunicação

Ao analisar a trajetória da educação de surdos no decorrer da História, é possível perceber que a questão comunicativa sempre esteve bastante atrelada às práticas educativas e à forma de olhar para a surdez e para o surdo.

De um modo geral, técnicas e métodos empregados em educação de surdos sempre estiveram pautados nas duas formas de comunicação - oral ou gestual. Originaram-se, então, as diferentes vertentes teórico-filosóficas que até hoje norteiam pesquisas teóricas e práticas de reabilitação e educação, apresentando-se com os mais variados termos: abordagem oral, oralismo, comunicação gestual, sinalizada, abordagem bilíngue, bilinguismo³.

Porém, diante do modo como essas diferentes abordagens estiveram alternadamente destacadas em cada momento histórico, Rocha (2009) aponta para o caráter dicotômico que as teorias educacionais assumiram no panorama educacional, dentro do qual todas as ações necessitam adotar uma posição para que sejam legitimadas.

Tais práticas adquirem consistência na disputa eterna entre as duas vertentes, às quais a autora se refere como oralistas e gestualistas, que por muitos anos perpetuam uma discussão que poderia ser comparada ao cenário da Reforma e da Contra-Reforma.

A comparação insinuada por Rocha (2009) parece demonstrar bases concretas para tal raciocínio, especialmente frente à análise da concorrência instituída entre a escola oral, representada por um pastor, o alemão Samuel Heinicke, e um abade francês – Charles Michel L'Épée, fundador da primeira escola para surdos a utilizar sinais metódicos.

³ O caráter bilíngue da abordagem explica-se pelo pressuposto de que a língua de sinais seja considerada como primeira língua do surdo, enquanto a língua majoritária seria, portanto, a segunda língua (GOLDFELD, 2002).

Essa disputa continua até a realização de um importante evento histórico, que suspende momentaneamente a discussão teórica entre os dois métodos, determinando a vitória provisória de um dos lados: a decisão instituída em 1880, na Itália, onde ocorreu o Congresso de Milão. Nessa ocasião, decidiu-se por votação que o método oral seria o referencial para a educação dos surdos dali em diante (ROCHA, 2009).

No entanto, essa decisão começa a ser contestada a partir de 1960, quando pesquisas teóricas começam a comprovar o *status* linguístico das línguas de sinais (GESSER, 2009), abrindo espaço para que a antiga discussão volte à tona, agora com ênfase nas críticas aos métodos orais.

Comparando essa disputa ao cenário da Guerra Fria, Rocha (2009) analisa que a disputa teórica conseguiu resistir ao longo dos anos devido à alternância de poder conferida a cada um dos lados, intercaladamente, diante de cada momento histórico. Essa intermitência, nem sempre explícita pelas críticas a este ou aquele método, é consolidada por diversos outros fatores, presentes num determinado contexto sociocultural.

Já no final do século XX, muitas mudanças no pensamento social começam a ser percebidas, em um momento em que vários movimentos sociais se desencadearam, cada qual com suas próprias reivindicações, porém todos em busca de melhoria na qualidade de vida e maior participação individual nas decisões coletivas (HALL, 2006).

Nesse panorama, os movimentos sociais dos surdos começam a ganhar força, incentivados por um momento histórico em que as lutas de classes começam a se manifestar em vários grupos sociais.

Embora os agrupamentos de surdos que utilizam língua de sinais sempre estivessem presentes na sociedade, a afirmação desse grupo enquanto comunidade surda, linguisticamente constituída, começa a ter maior destaque social com os discursos ideológicos, que começam a surgir nesses ambientes a partir de então.

Dentre eles, caberia mencionar aqui o próprio conceito de comunidade surda, que não parece ser consensual entre os autores que escrevem sobre essa temática. Moura (1996) afirma que a comunidade surda é formada pelos surdos que utilizam a língua de sinais para se comunicar, mas também pelas pessoas que estão ligadas a esses sujeitos de alguma forma, tais como amigos, familiares ou professores. Em outras palavras, os membros da comunidade dos surdos são pessoas que se identificam com suas lutas sociais e compartilham de suas experiências, participando das atividades realizadas por essa comunidade.

Ao contrário, Skliar (2001) defende que a comunidade surda é formada apenas por pessoas surdas e, além disso, apresenta duas formas de organização para esse grupo: a institucional – caracterizada pelas associações e clubes de surdos – e o agrupamento espontâneo, que compreenderia todo tipo de atividade social informal.

Na descrição apontada por esse autor, de fato se observa que, com frequência, os surdos procuram a companhia mútua, muitas vezes com o único propósito de estar em grupo. Nessas ocasiões, a presença do ouvinte ainda é pouco frequente, o que parece justificar a visão do autor ao afirmar que a comunidade de surdos ainda é somente dos surdos.

Embora a Libras ainda não seja uma língua muito conhecida pela sociedade ouvinte, ao observar a forma como os surdos se relacionam, a frequência com a qual se reúnem e procuram estar em grupo, é possível inferir que o aspecto linguístico não resume em si a identificação entre os sujeitos surdos, que também compartilham histórias de vida semelhantes, profundamente marcadas pelas mesmas situações, como reabilitação, dificuldades de integração, escolarização, exclusão social, entre outras.

Essa identificação é destacada por Perlin (2005), ao afirmar que a identidade surda está fortemente presente nos movimentos surdos, na consciência de ser diferente e necessitar de recursos visuais para estabelecer a comunicação. A autora ressalta ainda os casos de surdos filhos de pais também surdos, que desde a infância são criados para conviver com a natureza

visual dessa condição.

Porém, essa autora aponta outros tipos de identidades apresentadas pelos surdos:

- 1) Identidades híbridas: são apresentadas por aqueles surdos que nasceram ouvintes e se tornaram surdos com o tempo, sendo que a experiência linguística da oralidade como primeira língua irá guiar as experiências posteriores, durante a condição de surdez;
- 2) Identidades surdas de transição: são apresentadas geralmente pela maioria dos surdos que, sendo oriundos de famílias ouvintes, ao entrar em contato com a comunidade surda e com a língua de sinais, descobrem a experiência diferenciada de guiar-se pelo visual;
- 3) Identidades surdas incompletas: são apresentadas por aqueles surdos que assumem uma postura de deficientes e não conseguem se organizar politicamente em associações de surdos. Tal postura indica uma submissão ao ouvinte, aceitando a condição de surdez como inferior. Nesse contexto, a autora também enfatiza os casos de surdos que são escondidos e aprisionados por suas famílias, de modo que nunca chegam a se encontrar com outros surdos para que desenvolvam uma identificação com esse grupo;
- 4) Identidade surdas flutuantes: são apresentadas pelos surdos que não se afirmam como tal, não têm compromisso com a comunidade surda, porém também não seriam totalmente aceitos pela comunidade ouvinte devido à dificuldade de comunicação oral. Seria, portanto, uma identidade fragmentada, que ora localiza-se em um grupo, ora em outro.

Embora as diferentes formas de identificação relatadas por Perlin (2005) estejam fundamentadas em um pressuposto que considera o ouvinte como opressor ideológico, suas afirmações refletem que, ao contrário do que se possa imaginar, os surdos não constituem um grupo homogêneo, mas que suas trajetórias de vida e os diversificados contextos sociais em que se inserem tornam a comunidade surda um grupo caracterizado pela multiplicidade.

Esse caráter diversificado sugere, portanto, que essas várias identidades poderiam se apresentar em um único sujeito surdo, que ao longo de sua vida se percebe enquanto

incompleto, em uma condição flutuante entre diferentes línguas, contextos e grupos sociais.

Ainda assim, a ideia de universalização do surdo continua bastante presente no imaginário social, da mesma forma como ocorre com a língua de sinais. Porém, esse também é um dos aspectos que caracterizam uma visão simplista da condição de surdez, pois da mesma forma como acontece com as línguas orais-auditivas, as línguas de sinais também sofrem modificações de um país para outro e, mesmo dentro de um único país, de uma região para a outra.

No entanto, independentemente da localidade, as línguas de sinais são plenas de todos os aspectos linguísticos (QUADROS; KARNOPP, 2004), sendo caracterizadas pelo seu aspecto viso-gestual, no qual alguns elementos são de grande importância: o contato visual; a delimitação do espaço no qual os sinais serão efetuados, de modo a serem executados de forma compreensível pelo interlocutor; as condições de iluminação do local onde se pretende efetuar a comunicação; o posicionamento de ambos interlocutores, de modo a favorecer a compreensão de todos os sinais executados por ambas as partes; e também, o valor das expressões faciais durante a comunicação, que podem transmitir aspectos importantes como intensidade, ironia, desprezo, entre outros.

Por essa razão, através da língua de sinais é possível transmitir todo tipo de conteúdo, concreto ou abstrato, nos mais variados gêneros discursivos. Algumas informações específicas sobre a língua de sinais utilizada no Brasil – a Libras, podem ser encontradas em apêndice (APÊNDICE A), e podem também ser obtidas com maior riqueza de detalhamento nos estudos de Brito (1995), Fernandes (2003), Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2009).

Considerando-se todos esses aspectos da língua de sinais, que a caracterizam incontestavelmente enquanto língua, novamente torna-se necessário refletir sobre a configuração de todos esses elementos no cenário social atual, bem como sobre a situação da língua de sinais frente à expectativa social de reabilitação oral.

Em uma breve análise do panorama nacional, tem-se, por um lado, que as práticas de reabilitação oral puderam ser efetivamente aprimoradas com o avanço da tecnologia, de modo que hoje em dia é bastante comum a utilização de próteses auditivas por pessoas surdas, mesmo aquelas que utilizam a língua de sinais. No Brasil, as cirurgias de Implante Coclear também têm se ampliado com grande rapidez, embora ainda não sejam acessíveis para toda população, nem mesmo indicadas para toda e qualquer pessoa com surdez.

Por outro lado, o país vive hoje um momento em que a Libras acaba de ser reconhecida oficialmente enquanto língua (BRASIL, 2002) característica de um grupo social específico, o que, de certa forma, impulsionou a divulgação dessa língua na sociedade após a publicação do Decreto n. 5.626/2005 (BRASIL, 2005). Esse documento, que estabelece a presença de profissionais com domínio de Libras em âmbito escolar, também promoveu a procura por cursos de formação em nível de graduação e pós-graduação nessa área, bem como pela certificação de proficiência nessa língua para capacitação⁴ de profissionais habilitados para seu uso e ensino (LACERDA, 2009).

Todavia, o ponto em questão não se refere ao uso de determinados fatos históricos para legitimar posições teóricas favoráveis ou desfavoráveis à abordagem filosófica de maior evidente no cenário acadêmico atual – supondo que tal situação seja possível. O que se pretende evidenciar, no entanto, é a necessidade de considerar diferentes olhares, que surgem em momentos históricos distintos, os quais estão em contínua transformação.

A realidade dos fatos deve ser a principal linha norteadora para visualizar as mudanças necessárias no contexto histórico atual. Com isso, ressalta-se a importância das pesquisas acadêmicas envolvendo a temática da compreensão da surdez, que podem apresentar uma visão formada por determinados aspectos, relacionados à especificidade dos sujeitos envolvidos no processo – os surdos, seus familiares, profissionais da área da saúde,

4 O Ministério da Educação realiza anualmente um exame de proficiência em Língua de Sinais Brasileira, o ProLibras, com a finalidade de certificar e habilitar profissionais para interpretação e ensino da Libras, em conformidade com o disposto no Decreto 5.626 /2005 (BRASIL, 2005).

profissionais da área educacional, entre outros.

Um exemplo pode ser visualizado no estudo descrito por Silva, Pereira e Zanolli (2007). Essas autoras analisaram a concepção de surdez de mães ouvintes com filhos surdos e verificaram que a modalidade linguística utilizada para a comunicação com os filhos estava relacionada à concepção de surdez das mães, sendo que as mães que se referiam à surdez como uma doença, procuravam se comunicar oralmente com os filhos, enquanto uma das mães, que percebia a surdez do filho pelo seu diferencial linguístico, utilizava também a língua de sinais.

Os resultados apontados por essas autoras parecem demonstrar a existência de algum tipo de relação entre aquilo que se pensa sobre a surdez e a forma de reabilitação escolhida para a comunicação da criança. Contudo, tendo-se em vista o pouco que a sociedade ainda sabe a respeito da língua de sinais, caberia questionar, portanto, se tais concepções sobre a surdez se mantêm ao longo da vida do sujeito surdo, para o próprio sujeito e também para aqueles que convivem com ele.

Atualmente, ao constatar a surdez da criança, muitos pais se percebem sem qualquer informação sobre o que possa vir a representar essa condição em seu filho, de modo que os profissionais – clínicos – que cercam a família no momento do diagnóstico da surdez assumem o papel de orientar pais e mães de surdos a investirem na comunicação oral, como se essa fosse a única solução para a vida dessa criança (LANE, 1992). No entanto, com frequência, é possível notar que muitos surdos que durante algum tempo estiveram inseridos na reabilitação oral, ao se depararem com a língua de sinais manifestam interesse em aprendê-la.

A pesquisa, realizada por Bittencourt e Montagnoli (2007) buscou conhecer as representações sociais e o impacto da surdez no cotidiano de familiares de crianças surdas. Os dados revelavam uma visão de surdez representada como um fardo, que gerava sentimento de

culpa e dificuldade de aceitação por parte da família. Algumas famílias relataram um intenso desejo de que a criança desenvolvesse a fala oral, associando a língua de sinais à discriminação, enquanto outros pais viam na Libras uma possibilidade maior de interação social da criança surda.

Em todo caso, a linguagem envolvida, seja ela oral ou gestual, é um fator que permeia todas as discussões sobre surdez, de modo que sua importância é fundamental para a análise das diversas transformações sociais que, de alguma forma, influenciaram as visões que a sociedade desenvolveu – e ainda desenvolve – sobre essa condição.

Contudo, tomando-se a língua de sinais enquanto elemento mais representativo do sujeito surdo inserido em uma comunidade surda, cabe questionar, portanto, como essa língua poderia influenciar as concepções de surdez desse sujeito.

Dessa forma, os objetivos do estudo aqui descrito foram: a) identificar as concepções de surdez apresentadas por sujeitos surdos adultos que se comunicam em língua de sinais; b) analisar os conceitos que o surdo tem de si mesmo, enquanto usuário dessa língua; c) verificar quais aspectos influenciam na identificação de uma pessoa surda, por outro sujeito da mesma condição; e d) investigar a influência do fator surdez na escolha de pares com quem um sujeito surdo manifesta interesse em se relacionar.

2 MÉTODO

2.1 Participantes e local

Os participantes desta pesquisa foram dez adultos surdos que se comunicavam predominantemente em Libras, sendo cinco homens e cinco mulheres. Foi selecionada a mesma quantidade de participantes homens mulheres, cinco de cada, na tentativa de neutralizar qualquer possível relação entre concepção de surdez e gênero.

A preferência por participantes adultos se deu pelo fato de apresentarem maiores condições de refletir criticamente sobre sua condição, bem como sobre as interações que estabelecem com seus pares e seus papéis sociais. Foram considerados adultos aqueles que apresentaram idade igual ou superior a 21 anos (PAPALIA; OLDS, 2000).

Outro critério, de exclusão, foi apresentar qualquer tipo de deficiência física ou sensorial concomitante à condição de surdez.

Tipos e graus de surdez não foram considerados durante a seleção, uma vez que, independentemente desse fator, todos eram utilizadores da Libras. As pessoas que informaram que se comunicavam de forma oral em algumas ocasiões não foram descartadas, desde que a Libras fosse a língua principal.

As características dos participantes variaram em termos de etnia e faixa etária, sendo que a idade dos participantes variou de 23 a 57 anos. Todos eram filhos de pais ouvintes. Dos dez participantes, quatro eram solteiros, cinco eram casados com pessoas surdas e um era divorciado – sendo que sua ex-mulher era surda. Sobre o grau de instrução, apenas dois participantes afirmaram ter concluído o ensino médio, enquanto os demais não tinham ensino fundamental completo. A seguir, serão descritas algumas informações⁵ mais detalhadas sobre cada um dos participantes, que doravante serão apresentados por nomes fictícios.

⁵ Tais informações foram obtidas através do questionário de caracterização dos participantes. Foram apresentados os dados considerados como mais relevantes para a compreensão das respostas fornecidas pelos participantes durante a aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada e do teste sociométrico.

Participante 1: Roberto

Roberto tinha 28 anos, etnia branca. Morava com seus pais e irmão mais velho, todos ouvintes. Na ocasião da coleta dos dados, namorava uma jovem surda, também fluente em Libras. Informou estar cursando o oitavo ano do ensino fundamental em uma escola perto de sua residência. Não possuía ocupação profissional, porém afirmou que gostaria de ter um emprego futuramente. Os pais, que o acompanhavam no dia agendado para a coleta dos dados, informaram que procuram se comunicar com ele em Libras, porém ainda não dominavam essa língua.

Participante 2: Thomas

Thomas tinha 24 anos e aparentava ter ascendência indígena. Quando estava entre os surdos fluentes em Libras, utilizava somente essa forma de comunicação. Porém, quando seu interlocutor era ouvinte, ainda que fluente em Libras, parecia se esforçar para falar oralmente. Morava com sua avó e irmão ouvintes, com quem procurava se comunicar oralmente, com auxílio de leitura orofacial. Cursava o ensino médio supletivo, não estava empregado e não apresentava o desejo de ter emprego, pois recebia uma pensão de seu pai. O próprio Thomas informou que antes de aprender a Libras frequentava o centro de reabilitação para se comunicar oralmente.

Participante 3: Sílvia

Sílvia tinha 23 anos, etnia branca. Morava com a tia, a quem chamava de mãe, seu tio e sua prima, todos ouvintes. Afirmou ter estudado até o ensino médio, mas não o concluiu porque começou a trabalhar como operária de uma fábrica local que emprega pessoas com surdez. A família relatou que desde que receberam Sílvia para morar com eles, quando era

criança, sempre utilizaram gestos para se comunicar com ela, mas não dominam a Libras.

Participante 4: Júlia

Júlia tinha 25 anos, etnia afrodescendente. Morava com mãe e irmão, ouvintes e namorava um jovem surdo. Afirmou ter estudado até o ensino médio, mas não o concluiu. Na ocasião da pesquisa, trabalhava como operária em uma fábrica local que emprega pessoas com surdez. A mãe, que acompanhava Julia no dia agendado para a coleta, tentava se comunicar com ela por meio de gestos, porém Júlia afirmou que também conseguia fazer leitura orofacial para se comunicar com a família e gostaria de ter domínio nas duas formas de comunicação.

Participante 5: Luana

Luana tinha 29 anos, etnia branca, casada com surdo. Tinha três filhos ouvintes, a mais velha sabia se comunicar em Libras, mas segundo a participante, evitava essa forma de comunicação porque sentia vergonha dos pais. Luana, o marido e os filhos moravam com os pais dela, que eram ouvintes e também tinham outro filho surdo, residente em outro município. Luana possuía ensino médio completo e trabalhava como operária em uma fábrica local, que de acordo com sua mãe, era seu sonho de infância. A mãe, que a acompanhou no dia agendado para a coleta, relatou que Luana foi a primeira pessoa com surdez a ser contratada por essa fábrica, o que lhe trouxe bastante realização pessoal e independência, pois conseguiu adquirir seu automóvel próprio. A mãe se comunica com ela por gestos caseiros, e assim intermediava a comunicação entre Luana e o pai.

Participante 6: Mário

Mário tinha 57 anos, etnia branca. Na ocasião da pesquisa, morava com o irmão

ouvinte. Antes disso, relatou que foi casado com uma pessoa surda, com quem teve uma filha, também surda – que passou a morar com a mãe após a separação do casal. Mário declarou ter ensino médio completo. Não tinha ocupação profissional, pois recebia algum tipo de aposentadoria ou pensão. No dia em que foi procurado em sua residência para o agendamento da coleta de dados, seu irmão informou que Mário sempre tentava se comunicar com amigos e vizinhos em Libras, como se todos à sua volta pudessem compreendê-lo, o que raramente acontecia. Informou também que Mário parecia compreender a leitura orofacial e as tentativas de comunicação gestual dos parentes e vizinhos, embora nunca tivesse frequentado o centro de reabilitação oral do município.

Participante 7: Alexandre

Alexandre tinha 31 anos, etnia afrodescendente. Era filho de pais ouvintes e tinha dois irmãos surdos, Fábio e Olívia. Alexandre era casado com Vera, com quem tinha três filhos ouvintes. Alexandre morava com a esposa, filhos, irmão, cunhada e pais. Possuía ensino fundamental incompleto e trabalhava como operário em um frigorífico local, onde também trabalhava seu irmão Fábio, em período contrário ao seu. Relatou sempre ter se comunicado em sinais com a família e nunca ter tentado a reabilitação oral. Informou também que, durante a infância, morava com a família em outro município, de outro estado.

Participante 8: Vera

Vera tinha 30 anos, etnia branca, casada com o participante Alexandre. Também possuía ensino fundamental incompleto e trabalhava como operária em uma fábrica local que emprega pessoas com surdez. Afirmou nunca ter frequentado a reabilitação oral e que a comunicação com as pessoas de sua casa ocorria somente por Libras.

Participante 9: Fábio

Fábio tinha 32 anos, etnia afrodescendente. Era irmão de Alexandre e Olívia e sua esposa também era surda, com pouco domínio da Libras, pois se comunicava oralmente com pessoas ouvintes. Possuía ensino fundamental incompleto e trabalhava como operário no mesmo frigorífico que seu irmão Alexandre. Nunca frequentou reabilitação oral.

Participante 10: Olívia

Olívia tinha 28 anos, etnia afrodescendente. Era casada com surdo e tinha duas filhas pequenas, ouvintes. Residia em um bairro distante de onde moravam seus pais e irmãos e não tinha ocupação profissional. Declarou possuir ensino fundamental incompleto, porém afirmou ter retomado os estudos há pouco tempo. Nunca frequentou reabilitação oral.

A participação das pessoas surdas foi solicitada mediante contato realizado pela própria pesquisadora, conforme o que explicita Freitas (2002, p. 28):

[...] para buscar compreender a questão formulada é necessário inicialmente uma aproximação, ou melhor, uma imersão no campo para familiarizar-se com a situação ou com os sujeitos a serem pesquisados. Para tal, o pesquisador frequenta os locais em que acontecem os fatos nos quais está interessado, preocupando-se em observá-los, entrar em contato com pessoas, conversando e recolhendo material produzido por elas ou a elas relacionado.(...).Trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste pois, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social.

Destarte, a busca pelos participantes foi realizada em diversos locais nos quais pessoas com surdez pudessem ser encontradas, orientada pela experiência da pesquisadora com o trabalho escolar com pessoas surdas e também pelo contato prévio da mesma com alguns membros da comunidade surda de Bauru. A seleção dos participantes se deu, então, em ambientes como escolas, centro de reabilitação, igrejas e também por indicação dos próprios surdos, que com o tempo foram apresentando seus amigos e familiares à pesquisadora.

Ressalta-se que tais contatos só foram possíveis em virtude da pesquisadora conhecer a Libras, podendo estabelecer, portanto, uma comunicação adequada com esse público.

Os participantes receberam esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e manifestaram concordância com a participação, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B). Conforme apresentassem interesse no estudo, as sessões de entrevista eram imediatamente agendadas, individualmente.

Após a seleção, os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e orientados a preencher o termo de consentimento livre e esclarecido, com base na resolução 2048/00 sobre critérios éticos de pesquisas envolvendo seres humanos, do conselho nacional de saúde. Cabe mencionar aqui que este estudo foi submetido à análise do comitê de ética da Faculdade de Ciências da Unesp/Bauru, tendo sido aprovado, de acordo com o parecer n. 610/46/01/09.

É importante mencionar o fato de que a cidade onde a presente pesquisa foi realizada, conta com um centro de reabilitação gratuita para pessoas com surdez, nas diferentes abordagens, oral e bilíngue. Por essa razão, a maioria da população surda adulta do município já frequentou ou ainda frequenta esse local.

Contudo, é preciso salientar que após o diagnóstico da surdez nas crianças, as famílias em geral são orientadas pelos profissionais locais a iniciar a reabilitação dessas crianças nos moldes da abordagem oral – nos casos em que ainda se percebem chances de que essa forma de comunicação possa ser desenvolvida pela criança. Apenas quando os resultados esperados não são obtidos é que as famílias são encaminhadas para a reabilitação bilíngue, de modo que a Libras é vista, então, como a única opção restante para essa criança.

Esse é um dado importante a ser considerado, pois o contato tardio com a Libras, bem como as condições em que se dará esse contato inicial, também poderão influenciar a concepção que o surdo irá desenvolver sobre essa língua, ao chegar à fase adulta.

Com relação ao local onde a presente pesquisa foi realizada, para a coleta dos dados foi utilizada uma sala de atendimento do Centro de Psicologia Aplicada (CPA – Unesp/Bauru), unidade auxiliar que presta atendimento em diversas áreas da psicologia à comunidade em geral, a partir da realização de estágios curriculares, extracurriculares e atividades de pesquisa e extensão acadêmica. Por essa razão, as salas desse ambiente são estruturadas de modo a garantir que as atividades nelas realizadas sejam executadas sem interrupções, oferecendo privacidade para que as pessoas atendidas – neste caso, os participantes da pesquisa – tenham a possibilidade de se expressar livremente.

Durante os agendamentos para a coleta dos dados, na tentativa de melhor compreender as consequências desse processo nos participantes desse estudo, foi aplicado um questionário de caracterização, que serviu para pré-definir algumas informações, em momento anterior à aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada. Esse questionário foi preenchido pela própria pesquisadora, a partir das informações obtidas junto aos participantes e, algumas vezes, também com seus familiares no momento do agendamento das entrevistas ou ainda quando estes acompanhavam os participantes no local combinado para a entrevista. Algumas informações foram novamente questionadas durante a entrevista, apenas para confirmação dos dados.

Desse modo, observou-se que apenas duas participantes – Sílvia e Vera – não souberam informar como adquiriram a surdez, nem a idade com a qual tinham começado a aprender a Libras. Tentou-se obter essa informação com os familiares, porém Vera declarou que após seu casamento não teve mais contato com a mãe, que residia em outro município. A tia de Sílvia relatou que não tinha muito contato com ela durante a infância, época em que Sílvia ainda morava com sua mãe, de modo que não podia afirmar com segurança a época em que ela aprendeu a Libras.

O quadro a seguir mostra a época de aprendizagem da Libras pelos participantes e

a forma de comunicação utilizada anteriormente.

Participante	Época em que adquiriu a surdez	Idade em que aprendeu a Libras	Como aprendeu	Forma de comunicação anterior
Roberto	Congênita (Rubéola materna)	9	Centro de reabilitação bilíngue	Mímica
Thomas	Adquirida na infância (Doença pós-natal)	5	Contato com outros surdos, depois Centro de reabilitação bilíngue	Frequentava o Centro de reabilitação oral
Silvia	Não sabia	Não sabia	Centro de reabilitação bilíngue	Mímica
Julia	Congênita (Doença pré-natal)	10	Inicialmente na escola (prof da Ed. Espcial), depois foi para o Centro de reabilitação bilíngue	Tentava oralizar e fazer leitura orofacial
Luana	Congênita (tem outro irmão surdo)	6	Contato com outros surdos. Foi para o Centro de reabilitação bilíngue para aprender Português na modalidade escrita	Mímica
Mário	Congênita (mas não soube informar a etiologia)	17	Contato com outros surdos	Tentava oralizar e fazer leitura orofacial
Alexandre	Congênita (tem dois irmãos surdos)	10	Escola em outra cidade, família (irmãos surdos)	Gestos caseiros (tinha irmãos surdos)
Vera	Não sabia	Não sabia	Escola em outra cidade	Tentava oralizar e fazer leitura orofacial
Fábio	Congênita (tem dois irmãos surdos)	11	Contato com outros surdos, família (irmãos surdos)	Gestos caseiros (tinha irmãos surdos)
Olívia	Congênita (tem dois irmãos surdos)	4	Escola especial em outra cidade, família (irmãos surdos)	Gestos caseiros (tinha irmãos surdos)

Quadro I: Época da aprendizagem da Libras pelos participantes e forma de comunicação anterior

Apesar desses fatores, é possível afirmar que pelo menos sete dos dez participantes apresentavam surdez congênita e que ao menos oito deles tiveram uma aprendizagem tardia da Libras. Ou seja, provavelmente sofreram atraso no desenvolvimento

da linguagem, decorrente da demora na apropriação de um código linguístico que possibilitasse a organização de seu pensamento, sobretudo o participante que afirmou ter conhecido a Libras por volta dos 17 anos de idade.

Pode-se notar também que houve tentativa de desenvolver a comunicação oral em pelo menos quatro dos dez participantes, sendo que um deles chegou a frequentar o centro de reabilitação oral do município. Esse dado revela que a Libras provavelmente não era a opção de comunicação inicial de suas famílias. Até mesmo os participantes que tinham irmãos surdos – quatro deles – tiveram um contato tardio com a Libras, aos quatro, seis, dez e onze anos de idade.

Cabe também mencionar aqui que a própria constituição da comunidade surda de Bauru pode ter sofrido algum tipo de influência da reabilitação oral experienciada pela maioria de seus membros, visto que a cidade não apresenta nenhum tipo de instituição formal organizada pelos próprios surdos, enquanto cidades próximas ao município de Bauru-SP, com menor número de habitantes, possuem organizações de surdos estabilizadas e atuantes.

Ainda assim, a comunidade surda de Bauru também se constitui enquanto comunidade, uma vez que seus membros procuram interagir informalmente em diversos tipos de atividade cotidiana, o que de acordo com Skliar (2001, p. 144) define essa comunidade como “agrupamento espontâneo”.

Considerando tais informações, a seguir serão apresentadas as informações referentes à coleta dos dados, propriamente.

2.2 Elaboração e adequação dos instrumentos

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: questionário de caracterização dos participantes, roteiro de entrevista semiestruturada e um teste sociométrico, baseado em fotografias.

O questionário de caracterização dos participantes (APÊNDICE C) foi elaborado para levantar informações que não estivessem somente relacionadas à concepção de surdez, mas que fossem importantes para a melhor compreensão do participante e de suas relações sociais.

O roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE D) foi elaborado com base nos objetivos do presente estudo, sendo composto de nove questões abertas, abrangendo as seguintes áreas temáticas: concepção de surdez; natureza da deficiência; aprendizagem da Libras; formas de comunicação utilizadas; e interação social com ouvintes e surdos .

Freitas (2002) argumenta que em pesquisas de natureza histórico-cultural a interação estabelecida entre o pesquisador e o sujeito a ser pesquisado também é um momento de produção do conhecimento. O participante, ao narrar fatos e acontecimentos de sua experiência de vida, ressignifica suas próprias concepções, o que promove seu desenvolvimento.

Nesse direcionamento, as perguntas que compunham o roteiro de entrevista aqui utilizado tiveram a preocupação de compreender como se apresentavam os fenômenos descritos no atual momento histórico do desenvolvimento de cada participante.

Da mesma forma, esse procedimento também esteve fundamentado na compreensão da pesquisadora enquanto interlocutora, considerando os pressupostos de Freitas (2002, p. 29), ao afirmar que a entrevista consiste, em “produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado”.

A escolha desse instrumento de coleta também se baseou em estudos encontrados na literatura sobre concepção de surdez, nos quais a entrevista tem sido utilizada como o instrumento mais adequado para investigação de tal natureza (SILVA; PEREIRA; ZANOLLI, 2007; BITTENCOURT; MONTAGNOLI, 2007).

Elaborou-se também um teste sociométrico, que foi construído a partir dos objetivos da presente pesquisa, com a finalidade de conhecer possíveis estereótipos de surdez. A necessidade desse instrumento foi prevista ao considerar-se que os participantes poderiam apresentar dificuldade em expressar seus estereótipos de surdez, devido ao fato de serem pessoas que apresentam essa condição.

A elaboração do teste sociométrico foi baseada nas pesquisas de Batista e Enumo (2004) e Omote (1993), que fizeram uso de fotografias para investigar concepções dos participantes sobre outros sujeitos.

A pesquisa de Batista e Enumo (2004) procurou investigar a interação entre alunos com deficiência intelectual e seus colegas, que frequentavam a mesma sala de aula do Ensino Fundamental, utilizando-se de um teste sociométrico baseado em fotos, através do qual o aluno indicava os colegas de classe com quem gostaria de interagir. Essa pesquisa demonstrou que os alunos com deficiência eram rejeitados pelos seus colegas, fato que se verificou também após observações das filmagens das interações entre os referidos alunos durante situação de recreio escolar.

De modo semelhante, a já mencionada pesquisa de Omote (1993) envolveu o uso de fotografias, porém de pessoas desconhecidas dos participantes, com a finalidade de identificar a atratividade física facial das crianças das fotos e sua influência na forma como os participantes categorizavam essas crianças, em relação às deficiências físicas e sensoriais. Conforme já explicitado, nesse estudo, os participantes eram alunos de um curso de Pedagogia de uma universidade pública.

Tendo em vista o modo como as pesquisas anteriores utilizaram as fotografias, para o presente estudo optou-se pela criação de um novo teste, adequado à população investigada, possível de ser aplicado utilizando-se a língua de sinais.

Para a seleção das fotografias utilizadas, optou-se por uma busca na Internet, por se tratar de um ambiente no qual podem ser encontradas diversas imagens e fotografias em situação de domínio público. Durante esse procedimento, procurou-se diversificar as pessoas apresentadas, em termos de gênero, etnia e faixa etária.

Na busca por fotografias de pessoas realmente surdas, surgiu a preocupação de que essas não fossem conhecidas pelos participantes do estudo. Desse modo, realizou-se ampla pesquisa em sítios internacionais relacionados à surdez, que apresentassem fotos de pessoas dessa condição. Dessa forma, chegou-se a duas fotografias de surdos norte-americanos, que estavam assim identificados nos sítios dos quais foram retiradas.

Para garantir a adequabilidade dos instrumentos de coleta – roteiro de entrevista semiestruturada e teste sociométrico – junto aos objetivos da pesquisa, os mesmos foram aplicados, através de estudo piloto, em uma participante com surdez profunda bilateral, do sexo feminino, com idade de 29 anos, com fluência em Libras.

Após o consentimento em participar do estudo, a participante foi convidada a comparecer ao CPA/Unesp para aplicação dos instrumentos.

A coleta foi realizada pela própria pesquisadora, em Libras. Todo o procedimento foi filmado e posteriormente transcrito na íntegra, de acordo com a estrutura gramatical dessa língua, conforme apresentado em Quadros e Karnopp (2004).

Com relação à aplicação do teste sociométrico, observou-se na ocasião do estudo piloto que sua utilização seria imprescindível para a identificação das concepções de surdez dos participantes. Isso porque, durante a entrevista, o participante é solicitado a declarar suas opiniões acerca de uma condição que está intimamente relacionada à sua experiência pessoal

de vida em relação ao contexto social mais amplo - comunidade ouvinte e comunidade surda. No momento do teste, ao ser convidado a justificar o que o levou a identificar a surdez no outro, o participante poderia ser capaz de apontar características dessa condição que não vê em si mesmo enquanto surdo, ou ainda, confirmar a visão de surdez que reconhece em si mesmo.

Como exemplo, pode-se mencionar aqui uma situação ocorrida durante a aplicação desse teste na situação piloto, em que a participante aponta a foto da pessoa que considera surda utilizando-se o ambiente de fundo das fotografias como critério de exclusão: para ela, as fotos com ambiente de fundo que sugerissem um local de trabalho provavelmente seriam de ouvintes. Esse fator confirmou um aspecto percebido no momento de sua entrevista, quando a participante descreve a dificuldade do surdo em conseguir emprego.

Porém, na aplicação do piloto, não foi verificado se alguma das fotos correspondia a uma pessoa realmente surda, pois até então julgava-se que as justificativas apontadas pelo participante ao identificar a surdez nas fotos fossem suficientes para verificar a ocorrência de elementos faciais presentes em uma pessoa dessa condição. No entanto, na tentativa de garantir a confiabilidade da investigação, duas das fotografias utilizadas no estudo piloto foram substituídas por fotos de pessoas realmente apresentadas como surdas na Internet.

Tais fatores estiveram presentes durante a aplicação do estudo piloto, demonstrando a adequabilidade dos instrumentos utilizados. Esse procedimento também auxiliou na identificação de algumas pré-categorias de análise, de acordo com os pressupostos observados nas considerações de Bardin (1977; 2009). Nesse momento procurou-se identificar as concepções e sentimentos relacionados à surdez pela participante, na entrevista e no teste sociométrico. Após as devidas adequações dos instrumentos, prosseguiu-se com a coleta dos dados, com os participantes selecionados.

2.3 Procedimentos de coleta de dados

A coleta dos dados foi realizada no decorrer do segundo semestre de 2009 e primeiro semestre de 2010. No ano de 2009 foram coletados os dados de seis participantes e no ano de 2010, quatro participantes. Estes últimos pertenciam à mesma família, sendo três irmãos e uma mulher casada com um deles.

Todos os instrumentos de coleta foram aplicados no mesmo dia, sendo que cada sessão de coleta foi agendada em dia e horário individual para cada participante. Esse procedimento permitiu à pesquisadora realizar a transcrição das filmagens de cada participante antes de prosseguir com a coleta.

A aplicação do roteiro de entrevista e do teste sociométrico foi realizada em sala fechada, somente com a presença da pesquisadora e do participante, para que este pudesse se expressar livremente, tendo duração média de 20 minutos. Todo o procedimento foi filmado, com auxílio de uma câmera portátil, que permaneceu todo o tempo posicionada sobre a mesa da sala utilizada.

Com os participantes que eram casados – Alexandre e Vera – a coleta foi realizada no mesmo dia, em horários sequenciais, para que os participantes não tivessem a chance de conversar entre si sobre as questões da entrevista ou sobre as fotografias do teste sociométrico. Não foi possível coletar os dados dos dois participantes irmãos de Alexandre no mesmo dia deste, então foi solicitado que as informações referentes aos procedimentos de coleta não fossem compartilhadas com Fábio e Olívia até a semana seguinte, momento em que seria realizada a coleta com esses participantes.

Alguns participantes compareceram ao local da pesquisa acompanhados de seus familiares. Nesse momento, alguns puderam contribuir com algumas informações relevantes, que foram posteriormente organizadas em forma de questionário de caracterização dos

participantes (APÊNDICE C). Esse questionário foi preenchido pela própria pesquisadora, com auxílio dos participantes, algumas vezes também dos familiares, em momento anterior à aplicação dos outros instrumentos de coleta. Quando necessário, a pesquisadora fez contato posterior com os familiares, via telefone, para confirmação de alguns dados.

Já no momento da entrevista semiestruturada, observou-se a maior possibilidade de que os participantes descrevessem livremente os vários aspectos relacionados à sua condição de surdez, de modo que a ordem das questões nem sempre seguiu a ordem prevista no roteiro.

Com relação ao teste sociométrico, sua aplicação consistiu da apresentação das seis fotos, posicionadas de acordo com a sequência em que foram apresentadas anteriormente, de modo que as fotos de mulheres (fotos de 1 a 3) estavam enfileiradas logo acima das fotos de homens (fotos de 4 a 6). As fotos foram coladas na parede com fita adesiva, para que pudessem ser captadas pela filmadora no momento em que o participante estive apontando para alguma delas. Os participantes receberam a informação de que entre as fotos apresentadas estavam duas pessoas surdas, porém inicialmente não foram reveladas quais eram essas pessoas.

Com base nessa informação, o participante foi solicitado, individualmente, a identificar as pessoas com surdez, relatando os critérios nos quais se baseou para apontá-las. Dessa forma, procurou-se verificar a existência ou não de fatores ou pistas visuais que levem uma pessoa com surdez a identificar quem é surdo. Em seguida, solicitou-se que apontasse duas pessoas para participar de seu círculo de amizades, justificando a escolha.

Logo após, a pesquisadora revelou quais eram as fotos das pessoas surdas e perguntou se o participante gostaria de mudar ou não sua escolha pelas pessoas que gostaria que estivessem em seu círculo de amizades. Vale ressaltar que o objetivo desse procedimento era observar se a informação de que determinadas fotografias eram de pessoas surdas

interferia ou não na seleção das mesmas para possíveis amizades.

2.4 Procedimentos de tratamento e análise dos dados

Após o término de cada sessão individual, a filmagem da coleta foi assistida e transcrita pela pesquisadora. As transcrições obedeceram a sequência temporal da apresentação das comunicações entre pesquisadora e participante, e também foram transcritas as expressões faciais e outros recursos associados à comunicação em Libras.

A transcrição das entrevistas (APÊNDICE E) e do teste sociométrico (APÊNDICE F) foi realizada seguindo-se os critérios utilizados por Quadros e Karnopp (2004). De modo semelhante ao realizado por essas autoras, no processo de transcrição optou-se por escolher palavras da Língua Portuguesa que mais se aproximassem do sentido expresso pelos interlocutores no momento da coleta de dados.

Assim, as entrevistas foram transcritas em letras maiúsculas, com verbos sempre no infinitivo, sendo que em situações nas quais se julgou necessário acrescentar algumas informações, tais como expressões faciais ou outras circunstâncias presentes no momento da coleta, tais informações foram descritas em Língua Portuguesa, entre parênteses, com letras minúsculas, distinguindo-se assim as falas em Libras e a interpretação da pesquisadora ao transcrever essas falas. Como exemplo, segue um trecho retirado da entrevista com o participante Thomas (APÊNDICE E), seguido da interpretação da pesquisadora, logo abaixo:

Thomas: (...) AMIG@ SURD@ LIBRAS SEMPRE... (cerra os lábios como quem está evitando falar) SEMPRE, LIBRAS. FAMÍLIA, LEITURA-LABIAL SEMPRE.

Com os amigos surdos eu sempre utilizo Libras (cerra os lábios como quem está evitando falar), sempre Libras. Com a minha família sempre utilizo leitura labial.

Nas situações em que a expressão do interlocutor ou contexto da frase sugerissem uma expressão interrogativa, foi utilizado o sinal “?” ao final da frase.

Movimentos de cabeça que expressassem “sim” ou “não” foram descritos como SIM ou NÃO.

Sinais da Libras que não pudessem ser representados por uma única palavra na Língua Portuguesa foram representados por palavras unidas por hífen, como no exemplo, VÁRIAS-COISAS.

Palavras da Língua Portuguesa que não possuem sinal na Libras, ou que representassem nomes próprios, ou ainda palavras cujos significados não eram do conhecimento de um dos interlocutores foram soletradas, através do alfabeto manual. Sua representação na transcrição foi feita com hífen separando as letras da palavra, como no exemplo: “B-A-U-R-U”.

Como na Libras em geral não há marcação morfológica de gênero⁶, pois em geral este é definido pelo contexto, na última letra do pronome esta foi substituída pelo sinal “@”. Desse modo, durante a entrevista, quando os interlocutores se referiam a um amigo, ou amiga, por exemplo, a transcrição “AMIG@” abrangeu, assim, os dois gêneros. A utilização desse sinal também compreendeu singular e plural, de modo que AMIG@ pode se referir a um ou mais amigos (FELIPE, 2001).

Ao narrar ou descrever algum fato ou situação, muitas vezes o interlocutor utiliza o próprio corpo, através de movimentos e gestos, para expressar características do objeto da narrativa, de algum elemento presente no local narrado, ou mesmo da posição ocupada por determinado objeto no espaço. Esses recursos são chamados de classificadores, que:

[...] são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação

⁶ Quando há necessidade de especificar o gênero, após a execução do sinal é acrescentado o sinal de “homem” ou “mulher” (FELIPE, 2001; FERNANDES, 2003; QUADROS; KARNOPP, 2004).

da mão podem especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos. Por exemplo, para descrever uma pessoa caminhando em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração de mão (referindo à pessoa) move-se em ziguezague; para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que refere-se a veículos. Essas configurações de mão ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto (por exemplo, a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo) ou a forma de um objeto (por exemplo, uma vara fina e comprida) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Durante a transcrição, os classificadores utilizados foram descritos também entre parênteses, em letra minúscula, precedidos da sigla Cl.

Expressões faciais e corporais são bastante representativas na Libras, muitas vezes assumindo a função de indicar intensidade ou questionamento, e algumas vezes representando interjeições utilizadas na Língua Portuguesa, para expressar surpresa, decepção, entre outros. As expressões faciais e corporais, captadas pela pesquisadora no momento da entrevista e verificadas na filmagem, foram descritas entre parênteses, com letra minúscula, em Língua Portuguesa, conforme critério já relatado.

Durante a narrativa de fatos envolvendo uma terceira pessoa ausente, o narrador pode, em certos momentos, assumir a posição da terceira pessoa enquanto narra o fato. Na transcrição, quando esse aspecto ocorreu, a representação da fala da terceira pessoa foi apresentada entre aspas.

Na tentativa de assegurar a fidedignidade da transcrição, solicitou-se a colaboração de dois juízes: um surdo – fluente em Libras e um ouvinte – tradutor/intérprete de Libras. Vale mencionar que o surdo consultado para assistir a filmagem tratava-se de uma pessoa não residente no município de Bauru-SP, e que não tinha contato com a comunidade surda dessa cidade.

O juiz surdo recebeu a filmagem da coleta realizada com um dos participantes, que abrangia entrevista e teste sociométrico, para que a transcrevesse, com vistas à comparação posterior entre as duas transcrições, a sua e a da pesquisadora. O juiz foi orientado para que a transcrição da Libras para a sua forma escrita fosse realizada

respeitando-se a estrutura gramatical dessa língua, utilizando-se os mesmos recursos para escrita da Libras que aparecem em Quadros e Karnopp (2004). Sabia-se que o juiz tinha conhecimento de tais referências devido à sua atuação enquanto professor de Libras em uma instituição superior de ensino.

A transcrição realizada pelo juiz surdo foi enviada para o segundo juiz – ouvinte e conhecedor da Libras – juntamente com a transcrição realizada pela pesquisadora, referente à coleta do mesmo participante. Esse juiz recebeu a orientação de analisar as duas transcrições, verificando a concordância entre as intenções verbais expressas em cada frase, em cada uma das transcrições.

Após esse procedimento, a pesquisadora realizou a contagem das concordâncias apontadas pelo juiz ouvinte, obtendo um índice de 89% de concordância entre as duas transcrições, o que foi considerado adequado para a garantia da fidedignidade das outras transcrições realizadas pela própria pesquisadora (VIANNA, 1982).

Para a análise dos dados referentes à aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada, após a transcrição de todas as entrevistas os dados foram agrupados e submetidos à análise de conteúdo proposta por Bardin (1977; 2009). As categorias de análise foram inicialmente elaboradas a partir das questões do roteiro e posteriormente foram reorganizadas, de modo a agrupar nas categorias relatos que apresentassem semelhanças em seu conteúdo. Desse modo, chegou-se à organização de três eixos principais, nos quais constassem as diversas classes de respostas apresentadas, que serão apresentados nos resultados.

Como o teste sociométrico tinha dois objetivos – identificação da surdez nas fotos e escolha de possíveis amigos – a análise dos dados obtidos com a aplicação desse instrumento se deu de maneiras distintas.

Inicialmente, após a transcrição de todas as filmagens, os dados foram

organizados em um quadro, no qual constavam as fotos apontadas como sendo de pessoas surdas e as correspondentes justificativas de escolha apresentadas pelos participantes. Posteriormente, as respostas semelhantes foram agrupadas em categorias. Também se levantou a frequência de escolha de cada fotografia, na tentativa de verificar se as fotografias de surdos seriam apontadas.

O mesmo procedimento foi utilizado para analisar a escolha das fotos de possíveis amizades, porém a análise da frequência de escolha de cada fotografia foi realizada em dois momentos: antes e depois da pesquisadora informar quais eram as fotos de pessoas realmente surdas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação de todos os instrumentos de coleta, perceberam-se algumas informações sobre os participantes que caberiam ser aqui apresentadas.

Sobre a ocupação profissional, observou-se que todos exerciam funções semelhantes, em fábricas da região que costumam empregar pessoas com surdez. Nesse aspecto, caberia aqui indagar de que maneira essas contratações se dariam caso não existisse a Lei n. 8.213, que obriga a contratação de pessoas com deficiência através de sistema de cotas (BRASIL, 1991). Em todo caso, vale ressaltar o que afirma Sá (2002, p. 7):

[...] em todas as partes do Brasil e do mundo, os surdos têm sido condenados a um analfabetismo funcional, têm sido impedidos de alcançarem o ensino superior, têm sido alvo de uma educação meramente profissional (treinados para o “mercado de trabalho”), têm sido mantidos desinformados, enfim, têm sido impedidos de exercer sua cidadania.

Por outro lado, conforme afirma Perlin (2005), também existe na sociedade a ideia de que o surdo se concentra com mais facilidade em suas atividades laborais, em virtude de não se distrair com o barulho. Essa concepção conduz a uma imagem do surdo enquanto trabalhador braçal.

Também se pode comentar que vários participantes descrevem uma vida amorosa sexual reprodutiva satisfatoriamente, lembrando, conforme aponta Maia (2006), que a sexualidade é inerente às pessoas com deficiência.

No que tange às concepções de surdez – objeto de estudo da presente investigação – notou-se que estas apareceram com maior nitidez no momento da entrevista semiestruturada, enquanto os estereótipos dos participantes sobre a surdez estiveram mais evidenciados no momento do teste sociométrico.

Para identificar as concepções de surdez, considerou-se a categorização realizada por Oliveira (2004), ao analisar representações sociais de professores sobre o conceito de

deficiência. Nesse estudo, a autora define três categorias:

- Conceção individual da deficiência: a deficiência está centrada no indivíduo e é interpretada como desvio de um padrão;
- Conceção psicossocial da deficiência: as causas da deficiência são atribuídas a fatores externos, sociais. Porém, o foco continua centrado no indivíduo;
- Conceção interacionista da deficiência: a deficiência é interpretada no contexto da interação entre o deficiente e a audiência – com deficiência ou não.

Nas falas dos participantes do presente estudo, percebeu-se que essas três categorias de concepção de deficiência também se apresentaram. No entanto, como a concepção analisada tratava-se de uma condição apresentada pelos próprios participantes, houve a necessidade de organizar os eixos de análise de modo mais específico.

A forma como a surdez aparecia nos relatos também esteve associada aos relacionamentos sociais e à comunicação estabelecida nessas relações. Sendo assim, as falas foram organizadas pelos seguintes eixos: Eixo 1: Concepções sobre surdez: percepções e sentimentos; Eixo 2: Surdez e relacionamentos sociais: identificação grupal e interações sociais; e Eixo 3: Surdez e comunicação.

O Eixo 1 abrange todas as falas em que os participantes descreveram o que pensam sobre a surdez, à luz de suas experiência de vida, narrando também os sentimentos envolvidos e as diversas percepções que possuem da surdez e de si mesmos.

Tendo o ouvinte como referencial, as percepções sobre a surdez dividiram-se em igualdade ou desvantagem. Os sentimentos também apareceram de duas maneiras: de forma negativa, relacionados à tristeza, piedade ou desprezo; ou de forma positiva, relacionados à felicidade ou igualdade.

O Eixo 2 abrange as falas que envolvem uma concepção interacionista sobre a surdez (OLIVEIRA, 2004). Nesse eixo foram compreendidas duas categorias de resposta:

percepção da surdez a partir da identificação com pares igualmente surdos; e percepção da surdez no contexto das interações sociais estabelecidas, com surdos e com ouvintes.

O Eixo 3 abrange os relatos que descrevem a surdez em sua relação com a forma de comunicação utilizada pela pessoa surda, ou seja, estaria relacionada a uma concepção psicossocial da surdez (OLIVEIRA, 2004), na qual o aspecto linguístico surgiu como o fator mais representativo.

Como todos os participantes eram conhecedores e usuários da Libras, a análise das falas compreendidas nesse eixo foram consideradas as outras formas de comunicação apresentadas: escrita e tentativas de comunicação oral, com apoio de leitura orofacial.

O quadro a seguir apresenta a organização das falas dos participantes por eixo de análise e categorias de respostas, observadas no momento da entrevista semiestruturada.

EIXOS	CATEGORIAS DE RESPOSTAS APRESENTADAS	
EIXO1: CONCEPÇÕES DE SURDEZ: PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS	PERCEPÇÕES	Igualdade
		Desvantagem
	SENTIMENTOS	Tristeza/piedade/desprezo
		Felicidade
EIXO 2: SURDEZ E RELACIONAMENTOS SOCIAIS	Identificação com pares igualmente surdos	
	Interações sociais com surdos e ouvintes	
EIXO 3: SURDEZ E COMUNICAÇÃO	Leitura labial	
	Escrita	

Quadro II: Eixos de categorias organizadas a partir das falas dos participantes

Com relação à identificação da surdez durante o teste sociométrico, foram analisados os critérios utilizados pelos participantes nesse procedimento e também a frequência de escolha das fotos.

Para melhor compreensão da forma de organização dos relatos nos eixos e categorias descritos, serão apresentados alguns trechos das falas, que serão destacadas do texto, em itálico, e apresentadas conforme a interpretação da pesquisadora.

3.1 Eixo 1: Concepções sobre surdez: percepções e sentimentos

Conforme já mencionado, as concepções de surdez que puderam ser identificadas nas falas dos participantes, em geral se apresentaram tendo o ouvinte como referência, podendo ser entendidas como uma concepção de deficiência a partir do desvio, tomando-se a audiência não deficiente como sendo o referencial (OMOTE, 1994).

Dos dez participantes entrevistados, seis descreveram a surdez a partir de uma condição de desvantagem, como se pode observar nos exemplos de relatos a seguir, que sugerem essa percepção:

Roberto: *Quando as pessoas falam rápido, entende... aquele que é surdo não entende, o ouvinte entende mais...*

Thomas: *Ser surdo é difícil, eu não tenho amigos, fico sozinho, as pessoas não conhecem a surdez...*

Júlia: *Quando eu vejo alguém que demonstra falta de comunicação, essa pessoa me parece surda.*

Alexandre: *Ser surdo é difícil...*

As falas que apontam a surdez em posição de desvantagem em geral estiveram pautadas na questão da comunicação ou na ausência desta, salientando algumas situações específicas, como, por exemplo, a dificuldade de escolarização do surdo que utiliza a língua de sinais, devido ao fato de que o sistema escolar – assim como a sociedade ouvinte, como um todo – ainda não conseguiu tornar o conteúdo escolar acessível para a pessoa surda.

Esse fator contribui para que as desvantagens encontradas pelos surdos aumentem cada vez mais, como no exemplo observado na fala da participante Silvia, que na ocasião da coleta de dados encontrava-se com dificuldades para conseguir sua carteira de habilitação. Esse fato, que já havia sido anteriormente mencionado por seus familiares, em momento prévio à entrevista, pareceu influenciar intensamente a sua fala, na qual se percebeu uma grande frequência de assuntos relacionados a automóveis, escolarização e dificuldade para estudar:

Silvia: *É difícil estudar... para o ouvinte é fácil, mas para o (a) surdo (a) é difícil.*

Contudo, embora essa participante parecesse relacionar suas dificuldades à surdez, quando a pesquisadora lhe pergunta se acredita que sua vida seria melhor se ela ouvisse, ela parece não estar muito convicta de que esse é seu maior problema:

Pesquisadora: *Se você ouvisse, você acha que sua vida seria melhor ou seria igual?*

Silvia: *Talvez...*

Com base na dificuldade de comunicação que pareceu permear as falas anteriores desses participantes, pode-se pensar que um dos maiores fatores pela dificuldade de acesso dos surdos às mesmas oportunidades dos ouvintes parece ser a comunicação em Libras, que ainda é pouco conhecida pela sociedade.

Para Omote (1994, p. 66), do ponto de vista psicológico, as deficiências não podem ser compreendidas como diferenças individuais, pois necessariamente apresentam “alguma significação de desvantagem e de descrédito social. Portanto, são determinadas diferenças às quais foram atribuídas determinadas significações de desvantagem”. Nessa compreensão, entende-se que a maior diferença entre o surdo e o ouvinte poderia ser realmente o aspecto linguístico.

Diante desses fatores, a surdez, compreendida pelo surdo como uma desvantagem, pode conduzir à dificuldade de aceitação da própria condição, ou do distanciamento das outras pessoas que a apresentam, como se percebe na fala do participante Mário:

Mário: *Eu fui crescendo sozinho... os surdos me chamavam mas eu não ia...*

(...)

Pesquisadora: *Você não gosta dos surdos?*

Mário: *Não.*

Em situação oposta, quatro participantes situaram a surdez em uma posição de igualdade ao ouvinte:

Vera: *Nada, feliz... nada, normal (...), eu penso que somos iguais (...), não me desprezam não, gostam de mim, amizade normal...*

Fábio: *Normal, Deus ajuda todos, ouvintes... normal (...). Também há muitos outros surdos, normal... (...) bom, existe união, amizade, conversas normais entre surdos e ouvintes, em*

Libras, é normal, somos iguais, surdos e ouvintes são iguais.

Olívia: Legal... os surdos podem conversar...

Luana: Eu acho que o jeito dos surdos é normal...

Os participantes que descreveram a surdez como uma condição normal também descrevem os surdos a partir dos ouvintes, porém quando apresentam os aspectos positivos da surdez buscam apoio no grupo social formado pelos surdos. Nas falas dos participantes Fábio e Olívia, nota-se que Fábio defende a surdez como condição normal baseado no fato de que também há outros surdos no mundo, enquanto Olívia afirma que a surdez pode ser legal, uma vez que os surdos ainda podem conversar entre si.

O fato desses dois participantes – que são irmãos – terem surdos na família com quem podem interagir com frequência surge aqui como um importante diferencial, pois demonstra ser um aspecto que influenciou suas concepções a respeito das interações entre os surdos, de modo geral. Na compreensão de tais aspectos no contexto da Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento do psiquismo pressupõe o reflexo da realidade, sendo determinado pela relação dialética entre o sujeito e o mundo externo a ele – processo mediado pela atividade humana e pela consciência (Leontiev, 1978b).

Por esse processo também se tornam possíveis as significações e a multiplicidade de sentidos conferidos a determinado objeto, presente no mundo externo ao sujeito. Para Leontiev (1978b, p. 94),

[...] a significação é aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interações e de relações objetivas. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significações linguísticas, constitui o conteúdo da consciência social; entrando no conteúdo da consciência, torna-se assim a “consciência real” dos indivíduos, objetivando em si o sentido subjetivo que o refletido tem para eles.

Esse processo dialético também esteve presente no modo como os participantes descreveram seus sentimentos relacionados à condição de surdez, os quais se apresentaram de duas formas: como o participante se sentia com relação à sua condição e como percebia a visão do ouvinte com relação aos surdos em geral. Nessas falas, puderam ser identificadas duas subcategorias, uma compreendendo as respostas que envolviam sentimentos relacionados à tristeza, piedade ou desprezo, e outra compreendendo sentimentos de alegria/felicidade, nos quais novamente apareceram os sentimentos de igualdade em relação ao ouvinte.

De um modo bastante preocupante, observou-se que os sentimentos negativos – tristeza, piedade ou desprezo – estiveram muito presentes nas falas dos participantes:

Alexandre: Eu sou triste... eu queria... queria ouvir, Deus sabe o quanto.

Thomas: Ser surdo é difícil, eu não tenho amigos, fico sozinho, as pessoas não conhecem a surdez...

Luana: As pessoas não me ajudam, eu fico nervosa, vejo as pessoas conversando, eu me sinto triste...

Os familiares de Luana, que a acompanhavam no dia da entrevista, informaram, com orgulho, o emprego tão sonhado que ela havia conseguido, em uma fábrica da região que até então nunca havia contratado pessoas surdas. Contudo, ao falar das relações estabelecidas em seu local de trabalho, Luana expõe uma situação bastante triste, que lhe causa muito aborrecimento: o isolamento resultante da barreira comunicativa entre ela e seus colegas:

Luana: *...lá é difícil, eu sempre digo que gostaria que fossem mais surdos para lá, aí eu ficaria feliz, poderia conversar com alguém em Libras, seria melhor, com os ouvintes não há comunicação, é ruim... me faltam amigos... eu preciso de amigos...*

Ao expressar o desejo de que outros surdos fossem contratados, é visível que suas intenções estão voltadas à questão da comunicação, que não ocorre com os atuais colegas ouvintes. Sendo assim, vale ressaltar que ainda que a identificação entre os surdos seja um elemento fundamental para a compreensão das relações sociais estabelecidas dentro desse grupo, cabe questionar se a forma como essas relações intergrupo ocorrem poderia ser modificada se a sociedade ouvinte tivesse maior interesse no aprendizado da Libras.

A resposta a esse questionamento parece ser afirmativa, ao observar a descrição de Luana sobre sua relação com os antigos colegas de escola – ouvintes – e a relação com seus amigos da comunidade surda:

Luana: *Antes eu estudava com uma turma que já estava acostumada com a Libras, pois crescemos juntos, eles estavam acostumados, conheciam a Libras, era normal (...). Com o grupo surdo, combina, quando os surdos estão em grupo, conversando em Libras, as pessoas também olham, entende? Mas é diferente, eu sinto.*

Diante disso, é possível inferir, portanto, que a ausência de integração social dos surdos é proporcional à falta de conhecimento dos ouvintes sobre essa condição e sobre a língua utilizada por esse grupo. Algumas falas, abaixo, exemplificam esse fato:

Roberto: *As pessoas me olham, pessoas que eu não conheço, me olham (...) não gostam. Me ofendem, dizendo: “Surdo”, por exemplo, “(tentou oralizar um xingamento)”.*

Thomas: *Não podem me discriminar, está na lei (...). As pessoas que caçoam dos surdos, no futuro podem ter filhos, aí se Deus falar que seu filho será surdo, ele será igual a mim.*

Luana: *Me desprezam. Cochicham, apontam, dizem: “Como você não sabe fazer isso?”... Eu olho de canto, fico quieta, tenho paciência (...). Aqui eu acho que tem muita discriminação, desprezo, vejo os grupos conversando, eu fico quieta, como quieta, os ouvintes conversam e eu fico quieta, acabo de comer, vou ao banheiro, escovo os dentes, sento e fico quieta... (...) o jeito dos ouvintes... parece de desprezo, depende... paciência.*

Outro importante aspecto a ser observado é a possibilidade de que, ao se sentirem desprezados por alguns ouvintes, os surdos comecem a perceber a surdez como uma condição inferior, visto que o modo como um sujeito percebe o outro pode influenciar o modo como ele percebe a si mesmo (HINDE, 1997). Dessa forma, a língua de sinais, enquanto elemento característico dessa condição, também pode ser desvalorizada até mesmo pelo sujeito surdo que a utiliza. Esse aspecto parece estar refletido na fala do participante Mário, que, referindo-se à forma como percebe os sentimentos dos ouvintes com relação aos surdos, relatou:

Mário: *Não gostam... se o surdo souber falar (oralmente), gostam mais ou menos... eu falo um pouco...*

Tendo em vista que muitos dos surdos que utilizam a língua de sinais na fase adulta já passaram pela reabilitação oral em algum momento de sua trajetória, e, não obtendo sucesso no desenvolvimento da língua oral, recorrem à língua de sinais como única alternativa de comunicação, nesse processo, a língua de sinais pode ser então percebida pelo surdo como

uma língua inferior à língua oral, sendo também um dos motivos de discriminação da pessoa surda, no que a língua de sinais torna-se um estigma importante a ser considerado (GOFFMAN, 1988).

Isso parece ser considerado pelo participante Mário, que percebe a valorização da comunicação oral, além de responsabilizar o próprio surdo pelo fracasso da comunicação com o ouvinte, em uma tentativa de justificar o desprezo pelos surdos. Porém, Mário procura se defender das possibilidades de ser discriminado, afirmando que consegue se comunicar na modalidade oral, portanto, não está na mesma situação de seus pares.

É interessante observar como esse participante parece compreender a influência do aspecto linguístico na relação entre surdos e ouvintes, esquivando-se de sua condição de surdo usuário da língua de sinais, demonstrando a consciência de que essa poderia ser a causa da discriminação dos surdos na sociedade.

Além do desprezo, alguns participantes também descreveram sentimentos relacionados à piedade, dos ouvintes perante os surdos, conforme se observa nas falas abaixo:

Júlia: *“Você é surda? Coitada...” (...)* Na escola, como me ensinariam? Era difícil, eu não entendia... eu ficava triste, parecia triste... escrevia quieta... uma colega via e dizia: *“Coitada, é surda... você quer que eu te ensine?”*, eu dizia: *“Quero”*, ela me ensinava e aí eu aprendia.

Silvia: Os ouvintes pensam: *“Eu entendo, então é melhor eu ajudar...”* porque eu sou surda, é difícil...

Alexandre: *“Ele é surdo... difícil...”*

Os sentimentos de piedade apontados, em geral estiveram relacionados a situações de âmbito escolar, que ainda constituem uma situação de grande desvantagem para o aluno surdo, visto que apenas recentemente o sistema escolar começou a considerar a necessidade de profissionais da Libras nesse ambiente, mais precisamente a partir da promulgação do Decreto n. 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005).

Entretanto, poucas escolas contam com esse profissional, pela baixa demanda de intérpretes de Libras e professores com conhecimento nessa língua, e do pouco conhecimento dos outros alunos sobre a língua de sinais, o que não apenas prejudica o acesso do aluno surdo aos conteúdos acadêmicos, como também as suas possibilidades de interação nesse meio.

Ainda assim, dos dez participantes, três não descreveram sentimentos negativos em relação à condição de surdez – Vera, Fábio e Olívia.

Um ponto em comum entre os três participantes anteriormente mencionados é o fato de que todos possuem amplo contato com outros surdos, inclusive dentro da própria família, ou seja, dentro desse núcleo, as diferenças linguísticas eram minimizadas, o que não ocorria com outros participantes. Nisto se observa a importância do contexto social para a compreensão da surdez, pois o ambiente social é o que irá determinar quais aspectos serão mais ou menos valorizados naquele grupo (OMOTE, 1994).

3.2 Eixo 2: Surdez e relacionamentos sociais

A percepção dos participantes sobre os relacionamentos sociais foi analisada nas falas que indicassem: relações nas quais se evidenciasse a identificação com outros surdos; e relações estabelecidas de modo geral, com surdos e com ouvintes.

Considerou-se *relação* aquelas circunstâncias descritas pelos participantes que envolvessem algum tipo de interação intermitente entre duas pessoas, durante determinado

período, (HINDE, 1976; 1997), sendo que tais aspectos também são influenciados pelo contexto cultural em que se inserem os sujeitos em questão.

Conforme mencionado anteriormente, não se pode tentar compreender como se dão as relações sociais envolvendo pessoas surdas, que se comunicam em língua de sinais, fora do contexto das relações estabelecidas dentro da comunidade surda, que é, portanto, o grupo social dentro do qual os surdos irão se caracterizar enquanto sujeitos, pelo uso de uma língua comum, que também se constitui como elemento de identificação entre esses sujeitos (MOURA, 1996; PERLIN, 2005).

No entanto, também é necessário considerar que as interações com pessoas de fora desse grupo, que não conhecem a língua de sinais, também constituem o surdo como um sujeito que utiliza uma língua diferente da maioria das pessoas, o que lhe confere especificidades únicas. Sendo assim, as análises apresentadas a seguir tiveram como objetivo verificar de que maneira as relações sociais são percebidas pelos surdos.

3.2.1 Percepção da surdez a partir da identificação com pares igualmente surdos

A identificação entre os surdos é um aspecto bastante recorrente nos estudos teóricos da área da surdez, nos quais surge frequentemente associada à língua de sinais. No entanto, conforme aponta Perlin (2005), a identidade surda não se manifesta apenas de uma única maneira, mas de formas variadas, constituindo múltiplas identidades surdas.

A identificação com os surdos também pode se manifestar mesmo naqueles surdos que se comunicam oralmente, conforme foi apontado pelo estudo realizado por Santana e Bergamo (2005), que entrevistam um participante surdo que se comunica oralmente com pessoas ouvintes e que também é o presidente da associação de surdos de seu município. Porém, ao considerar um sujeito que convive simultaneamente com duas comunidades

distintas – a surda e a ouvinte – a língua de sinais é um elemento de grande influência na identificação do sujeito com o grupo surdo. Essa forma de identificação entre os surdos esteve presente nas falas dos participantes:

Roberto: *Os surdos combinam...*

Luana: *Se eu estiver passeando junto com minha mãe, minha família, as pessoas me olham, eu sinto vergonha. (...) Se estiver sozinha eu sinto vergonha, é verdade... minha mãe não entende, é diferente... difícil. Quando falo em Libras, as pessoas me olham, riem (...). Com o grupo surdo, combina, quando os surdos estão em grupo, conversando em Libras, as pessoas também olham, entende? Mas é diferente, eu sinto.*

Luana também descreve o grupo de amigos surdos como um apoio, pois estando com seus pares linguísticos não sente vergonha em se comunicar em Libras, ao contrário de quando está sozinha com sua família ouvinte.

Marchesi (1995) afirma que a possibilidade de realizar atividades com o grupo de pessoas que compartilham os mesmos problemas é um fator determinante para uma avaliação positiva das possibilidades de relacionamento social.

Esse ponto de vista também parece se confirmar na fala do participante Thomas, o qual demonstra uma visão de surdez a partir de sua representatividade enquanto grupo minoritário, que de alguma forma esteja ameaçado, o que justificaria sua preocupação com a união desse grupo:

Thomas: *Se eu não conheço (o surdo), digo: “Muito prazer”, o convido, é necessário... eu penso, se o surdo mora longe, por exemplo, mesmo que eu não o conheça, é importante*

manter a união, somos da mesma carne, é importante, nós surdos somos como irmãos da mesma carne. Precisamos estar juntos, unidos, sermos amigos.

Ao referir-se aos surdos como irmãos da mesma carne, é possível perceber nessa fala a manifestação de um discurso veiculado por alguns grupos e movimentos surdos, consolidado por muitas pesquisas acadêmicas, que defende a ideia de que os surdos apresentam algum tipo de uniformidade coletiva, decorrente de seus maiores atributos próprios: a identidade e a cultura surdas (GESSER, 2009).

Nesses termos, ressalta-se o conceito de que os surdos representam um grupo homogeneamente constituído, no qual a identidade surda (PERLIN, 2005) se sobressai frente a outras identidades, relacionadas ao gênero, etnia ou nacionalidade (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Da mesma forma, a cultura do grupo social dentro do qual os surdos estão inseridos, partilhada por todos os membros do grupo que ali vivem – surdos ou ouvintes – acaba sendo ignorada, em defesa de uma cultura própria do surdo. Entretanto, nesse aspecto, cabe aqui apresentar concordância com o que afirma Gesser (2009) ao argumentar que ao termo “cultura” é empregado aqui um sentido distintivo, que sugere a necessidade de visibilidade de um grupo social que clama por reconhecimento e valorização.

Apesar desses fatores, também é possível analisar que, ao referir-se a seus pares como irmãos da mesma carne, o aspecto linguístico novamente surge como o elemento mais representativo no contexto de um grupo minoritário como a comunidade surda, no qual a língua de sinais é característica fundamental. Além disso, a língua também aparece aqui como constitutiva dos processos de identificação, que se dão através das interações sociais, nas quais os processos psicológicos serão internalizados, através da atividade mediada (VIGOTSKI, 1984; 1999; 1987; 2008).

Entretanto, considerando as múltiplas identidades surdas apontadas por Perlin (2005), também vale ressaltar que o encontro surdo-surdo nem sempre é valorizado da mesma forma por todas as pessoas dessa condição, como se observa, por exemplo, na fala do participante Mário. Ao ser questionado sobre suas preferências de relacionamentos, ele afirma que não gosta de interagir com os surdos:

Mário: *Com surdos não. Com os surdos eu parei, eu gosto de educação, sempre, com bagunça é difícil (...) com os que falam (os ouvintes) eu vou passear junto, sempre (...), eu sou velho, tenho 57 anos, não tenho mais 19...*

Nesse relato, o fato de Mário era o único participante com idade discrepante dos demais sugere uma menor identificação com o grupo de surdos, que Mário percebe como um grupo de pessoas mais jovens, com outros interesses. Ou seja, a identificação por faixa etária, nesse caso, pareceu sobressair-se à identificação pela surdez.

3.2.2 Percepção da surdez a partir das interações sociais

As relações entre os sujeitos são de grande importância dentro da teoria histórico-cultural, pois as funções psicológicas superiores são originadas dessas relações, uma vez que, no decorrer do desenvolvimento humano, são inicialmente intersíquicas, para depois serem internalizadas pelos sujeitos, tornando-se funções individuais – intrapsíquicas (VIGOTSKI, 1999).

Ao considerar que as interações entre os sujeitos devem ser mediadas pelo uso dos signos – compartilhados socialmente em determinada cultura, torna-se necessário a existência de um código linguístico comum entre os sujeitos da interação, que aqui é representado pela língua de sinais.

De acordo com Marchesi (1995), quando os pais da criança surda também são surdos, ocorre uma maior aceitação da surdez, compreensão geral de sua condição e oferecimento de uma forma de comunicação – a língua de sinais – que a criança aprenderá com muito mais facilidade, uma vez que esse código linguístico estará presente nesse meio, dando condições para que a criança possa se apropriar da linguagem e constituir sua subjetividade, através das interações que então serão possibilitadas pelo uso comum da língua (VIGOTSKI, 1987; 2008).

No entanto, conforme aponta Sá (2002), 96% da população surda do mundo é constituída de filhos surdos de pais ouvintes, ou seja, usuários de língua oral, à qual os filhos surdos não terão acesso de forma espontânea, de modo que o contato com a língua de sinais ocorrerá somente quando essa criança entrar em contato com a comunidade surda (GESUELI, 2006).

Entende-se, portanto, que a forma como um sujeito surdo percebe as interações sociais que estabelece com ouvintes e com outros surdos não se dará de maneira igualitária. Frente a esses pressupostos, as falas dos participantes sobre suas interações foram divididas em duas categorias: a) interações entre surdos e surdos; e b) interações entre surdos ouvintes.

3.2.2.1 Interações entre surdos e surdos

As falas que descrevem situações de interação com outros surdos apareceram com grande frequência, sendo que todas estavam relacionadas a situações de lazer, em geral com amigos ou familiares surdos. Porém, oito dos dez participantes descreveram situações de interação apenas com pessoas surdas, conforme apresentado a seguir:

Olívia: *Conversamos nós três, brincamos, eu vou à casa deles, conversamos, eu gosto, fico*

feliz (...), é normal, nós brincamos, fazemos várias coisas, passeamos juntos, todos os irmãos, passeamos, fazemos compras, passeamos, estudamos juntos...

Vera: Sim, vou passear com a comunidade surda à noite, fazemos várias coisas, passeamos...

Fábio: Converso com os surdos, somos amigos unidos, combinamos de nos encontrar, passeamos, o grupo se encontra no centro e fazemos várias coisas, passeamos em vários lugares, batemos papo...

Roberto: Quando meu irmão chama algum amigo ouvinte, nós vamos separados, eu sempre vou com os surdos (...) vamos ao cinema, passear, eu gosto de ir ao cinema, é divertido.

Thomas: Conversamos em Libras, é legal, passeamos, viajamos, vamos à praia...

Julia: Conversamos, contamos histórias, passeamos, marcamos de ir ao shopping, é animado... estar sozinha é triste, ruim, eu chamo (faz o sinal que representa a pessoa) e vamos passear.

Luana: O grupo de surdos sempre combina várias coisas...

Silvia: Na escola, os surdos ficavam juntos, na hora de comer, eu gostava de estar com o grupo de surdos.

Com relação à fala da participante Silvia, é importante mencionar o fato de que esta já havia comunicado, durante a entrevista, que havia interrompido seus estudos, porém,

ao falar das atividades sociais que realiza com outros surdos, descreve interações em ambiente escolar – que já não fazem parte de seu cotidiano, como confirma posteriormente:

Silvia: Eu penso... só fico em casa... não vejo surdos... eu queria passear, estudar, preciso aprender mais Libras...

Desse modo, as interações com outros surdos compreendidas no ambiente escolar estão na verdade relacionadas à necessidade primeira de comunicar-se, de aprimorar o desenvolvimento linguístico através das relações interpessoais, ainda mais em se tratando de uma pessoa que teve aprendizagem tardia da Libras, que portanto teve um grande atraso de linguagem. No entanto, vale lembrar que essa é a realidade da maioria dos surdos que se comunicam em língua de sinais, considerando o fato de que, sendo filhos de pais ouvintes, grande parte dessa população terá acesso a Libras depois de excluídas as possibilidades de comunicação oral.

A comunicação favorecida pela língua comum favorece o desenvolvimento da linguagem, possibilitando que esse sujeito possa, desenvolver sua subjetividade. Isso pode ser apontado como uma das razões principais para que os surdos procurem a companhia de outros surdos.

3.2.2.2 Interações entre surdos e ouvintes

Conforme já explicitada anteriormente, a fala do participante Mário indica sua preferência por interagir com pessoas ouvintes:

Mário: Com surdos não. Com os surdos eu parei, eu gosto de educação, sempre, com bagunça

é difícil (...) com os que falam (os ouvintes) eu vou passear junto, sempre...

(...)

Pesquisadora: *Você tem amigos surdos?*

Mário: *Não.*

Pesquisadora: *E de amigos ouvintes, você gosta?*

Mário: *Dos amigos falantes, muito mais... falantes, bom.*

Embora o participante não tenha relatado os motivos que o levaram a se distanciar da comunidade surda, acredita-se que sua fala poderia estar relacionada a uma das múltiplas identidades surdas apresentadas por Perlin (2005). Para essa autora, as identidades surdas flutuantes seriam aquelas presentes em surdos que vivem como se fossem ouvintes, sem a consciência de ser surdo.

No caso de Mário, é interessante observar, diante das informações que forneceu no questionário de caracterização, que esse participante parece já ter estado mais próximo da comunidade surda, pois relata que já foi casado com uma pessoa surda, com quem teve uma filha, também surda. Porém, segundo informações que seu irmão, ouvinte, transmitiu em momento prévio à coleta dos dados, Mário muitas vezes procurava interagir com seus vizinhos, em Libras, como se estes pudessem compreendê-lo, o que raramente ocorria, em sua opinião.

Assim, caberia então questionar a qualidade das interações estabelecidas entre Mário e os amigos ouvintes que menciona. Seria possível afirmar que de fato seriam interações, uma vez que parecem ocorrer unilateralmente, ou que, dessa forma, se confirme o que Perlin (2005) descreve como identidades surdas flutuantes – a existência de surdos que tentam, a todo custo, se comunicar com os ouvintes ao seu redor, a ponto de ignorar o fato de que esses não compreendem sua língua? Nesse caso, talvez fosse possível afirmar que, sendo

assim, tais surdos vivessem como se não fossem surdos, ignorando a diferença linguística.

Além de Mário, outros dois participantes também relataram formas de interação com pessoas ouvintes:

Thomas: Com ouvintes é pouco, porque eles me convidam... é importante estar em grupo, ir à casa de amigos, passear juntos (...), em Libras, ou pela leitura labial, eu posso rir, conversar (...) é igual com o ouvinte, a amizade é igual (...), eu não posso me afastar dos ouvintes, porque são amigos (...) não é igual, é diferente, são coisas separadas.

A diferença mencionada por Thomas durante seu relato parece estar relacionada a elementos, que com os surdos é evidente na língua de sinais e na própria condição de surdez, porém o fato de se comunicar através da leitura orofacial lhe permite desenvolver relacionamentos também com pessoas ouvintes, com as quais estabelece outros possíveis identificadores.

Outra participante que descreve interações com pessoas ouvintes é a participante Luana, que relata apenas situações restritas ao seu local de trabalho. Nessas interações, as breves conversas com o colega ouvinte, durante o horário de almoço, estão relacionadas a Libras e à sua percepção de que o ouvinte deseja aprender essa língua:

Luana: Um homem que trabalha perto de mim, ele sabe Libras, gosta de surdos, tem vontade de aprender... nem sempre estamos juntos, porque na hora de comer não dá tempo, entende (...), mas meu amigo ouvinte está se desenvolvendo... ele tem um pouco de vergonha, ele me pergunta secretamente, tem vontade de aprender, eu o ajudo, o ensino...

Na descrição de como ocorre essa interação, Luana destaca a iniciativa de seu

colega em aprender a língua de sinais. Nesse processo, a situação de ensino da Libras já foi suficiente para que a interação ocorresse, o que afirma o quanto é necessário que a sociedade ouvinte esteja mais aberta ao aprendizado dessa língua.

3.3 Eixo 3: Surdez e comunicação

Frente às informações sobre a idade em que os participantes tiveram acesso a Libras, observou-se que mesmo aqueles que tinham outros surdos na família tiveram contato tardio com essa língua. Porém, já na fase adulta, todos tinham considerável fluência na Libras, destacando-se aqui a importância dos contatos intragrupo, estabelecidos no contexto da comunidade surda, para o desenvolvimento linguístico de seus membros, como aponta Perlin (2005, p. 63): “o adulto surdo, nos encontros com outros surdos, ou melhor, nos movimentos surdos, é levado a agir intensamente e, em contato com outros surdos, ele vai construir sua identidade fortemente centrada no ser surdo, a identidade política surda”.

Além disso, as interações entre os surdos em tais ambientes é de extrema necessidade, uma vez que dentro do núcleo familiar os processos interativos são dificultados, conforme se observa no relato do participante Fábio:

Fábio: Com os meus irmãos, a comunicação em Libras é boa. Meu pai não entende, nem minha mãe ouvinte, todos os familiares ouvintes não entendem a Libras.

Luana: Com minha mãe e meus filhos... com meu pai, nada, ele não entende (...). Minha mãe sabe mais (...), (com o pai) eu só aponto... ele é duro, não entende, pergunta para a minha mãe: “O que ela falou?”, aí minha mãe explica...

Ainda que muitas famílias de surdos apresentassem uma concepção de Libras como a das mães pesquisadas por Silva, Pereira e Zanolli (2007), espera-se que essa concepção se modifique com o passar do tempo, na medida em que a criança surda vai crescendo e se desenvolvendo, a partir do uso de uma língua que lhe permitiu se constituir enquanto sujeito. Por essa razão, o fato de que muitos pais ouvintes ainda encontram dificuldades para se comunicar com seus filhos surdos já adultos é um indício de que a língua de sinais continua sendo pouco aceita e associada a uma condição de desvantagem.

Sem desconsiderar a complexidade da Libras e o esforço necessário para o aprendizado dessa língua – assim como ocorre com o aprendizado de qualquer outra língua – caberia também questionar que elementos estariam relacionados às barreiras linguísticas que se observam entre surdos adultos usuários de Libras e seus familiares, e quais medidas seriam necessárias para minimizar as distâncias comunicativas entre pessoas de um mesmo núcleo familiar.

Fatores como esse, que poderiam ser apontados como um dos responsáveis pela busca dos surdos pelo encontro com seus pares linguísticos para interagir, também surgiram na fala de um participante, com possível influência do discurso clínico: ao ser questionado sobre as interações com os amigos surdos, Roberto apresenta sua preferência por relacionar-se com pessoas surdas que apresentem surdez profunda⁷, demonstrando a convicção de que os graus mais leves de surdez poderiam favorecer a aprendizagem da língua oral pelo sujeito, resultando possivelmente no desconhecimento da língua de sinais:

Roberto: *Eu gosto dos surdos com surdez profunda (...) porque às vezes têm surdos que também falam (oralmente), não entendem Libras, aí não há comunicação.*

7 A surdez pode manifestar-se em quatro níveis: leve, moderado, severo e profundo (MARCHESI, 1995).

Embora não seja a finalidade desse estudo levantar as possibilidades comunicativas entre surdos com níveis diferenciados de surdez, parece existir entre a sociedade leiga o conceito de que apenas os surdos que apresentam surdez de grau profundo utilizam a língua de sinais, o que é reforçado também pela literatura (MARCHESI, 1995).

No entanto, mesmo um surdo que utiliza a língua oral poderia se interessar pela Libras, visto que “nas comunidades de surdos, os critérios são sociais e não fisiológicos; não se apoiam na questão audiométrica. Assim, um surdo que, por exemplo, não domina a língua de sinais e não participa de projetos coletivos da comunidade não é percebido como membro” (GÓES, 1999, p. 45).

Os argumentos dessa autora parecem se confirmar na fala do participante Thomas:

Thomas: *Também com os amigos surdos eu sempre uso a Libras.*

Embora a comunicação em Libras fosse requisito para a seleção dos participantes, alguns deles também utilizavam a comunicação oral em algumas ocasiões, como foi observado durante as entrevistas dos participantes Thomas e Júlia, os quais também procuravam movimentar os lábios enquanto sinalizavam. Esses participantes ainda frequentavam o centro de reabilitação bilíngue até a época em que as entrevistas foram realizadas, para que se desenvolvessem melhor na comunicação em Libras, considerando que tiveram contato com essa língua tardiamente, além do fato de que, para serem aceitos na comunidade surda, a língua de sinais é um requisito fundamental.

Esse aspecto evidencia a complexidade que caracteriza a condição bilíngue que é exigida das pessoas surdas, através de práticas que dividem o surdo pelo meio (PERLIN, 2005). Se, por um lado, a aprendizagem da língua oral o torna mais aceito pela comunidade ouvinte, o fato de não ser fluente na Libras o torna menos apto na comunidade surda. Desse

modo sempre haverá a necessidade de utilizar diferentes línguas em diferentes contextos e espaços sociais (QUADROS, 2008).

Esse fato também se manifestou durante a entrevista com Thomas. Ainda que todo o procedimento tenha sido mediado pela Libras, esse participante sempre procurou se comunicar oralmente enquanto também fazia os sinais da Libras, misturando as estruturas gramaticais das duas línguas. Esse fato não parecia ser ignorado por ele, pois quando afirma que utiliza a Libras com os amigos surdos, Thomas procurava cerrar os lábios, demonstrando que na comunicação com outros surdos não há necessidade de comunicação oral por nenhum dos interlocutores.

Por esse aspecto, compreendeu-se a existência de uma concepção de que entre os surdos a comunicação ocorre de maneira mais livre, como se as interações com os ouvintes sempre estivessem carregadas de expectativas de que o surdo fale oralmente, ou de preocupação constante em se fazer entender pelo ouvinte, que, em geral, desconhece a Libras.

Com relação à participante Júlia, que assim como Thomas também continuava frequentando o centro de reabilitação bilíngue para aprimorar sua comunicação em Libras, também se percebe em sua fala a concepção de que para o surdo o aprendizado dessa língua ocorre de forma mais fácil do que para o ouvinte, ainda que também exija esforço e tempo para que ocorra. No entanto, em função do caráter viso-gestual da Libras, pode-se afirmar que para o surdo a apreensão dessa língua é favorecida, em comparação à língua oral-auditiva:

Julia: O surdo percebe a Libras de maneira mais fácil, aprende e guarda... normalmente.

Esse é um aspecto importante que deve ser considerado no estudo do processo de aquisição da Libras por uma pessoa surda. Ainda que, dentro de muitos grupos sociais formados por surdos, esteja presente o discurso que defende a língua de sinais como uma

língua natural dessa população (DIZEU; CAPORALLI, 2005), tal aspecto deve ser cuidadosamente analisado antes de ser reproduzido em âmbito teórico acadêmico, já que a apropriação natural dessa língua – assim como qualquer outra – se dá somente quando existe o contato com outras pessoas que também a utilizam (KELMAN, 2008). No caso das crianças surdas, que em geral são filhas de pais ouvintes, esse processo de apropriação linguística se dará tardiamente.

Nesse ponto vislumbra-se também outro aspecto referente à apropriação da Libras pelo surdo, defendida por alguns autores como sendo necessária, em condição de primeira língua (GOLDFELD, 1997), de modo a evitar-se o atraso de linguagem decorrente da tentativa inicial de apropriação da língua oral, para apenas posteriormente recorrer à língua de sinais, pois o que se pretende não é apenas garantir que a criança surda desenvolva uma comunicação básica com aqueles que a cercam, mas que através da língua possa desenvolver sua linguagem e instrumentalizar seu pensamento (FERNANDES; CORREIA, 2008).

Além disso, o fato de que a comunicação gestual entre os surdos perdura desde os mais antigos relatos de educação de surdos na história sugere que, ainda que os avanços tecnológicos e científicos propiciem o desenvolvimento de técnicas, recursos e instrumentos utilizados na reabilitação oral, a língua de sinais será sempre preservada pelas comunidades surdas, que igualmente perduram há tanto tempo quanto a própria língua de sinais. Assim também é observado na fala do participante Thomas, ao mencionar sobre a importância do intérprete de Libras na sociedade:

Thomas: (...) *tem a lei sobre a Libras, a Libras é necessária, eu gosto de Libras, também tenho amigos com quem converso em Libras, eu gosto mais. No futuro como será, outras crianças surdas nascerão... os ouvintes também, às vezes o ouvinte precisa telefonar pelo surdo... é preciso ensinar os ouvintes também, no futuro eles também devem aprender a*

Libras.

Outros participantes também citaram a importância do intérprete de Libras para a interação entre o surdo e a sociedade, sendo que alguns demonstraram ainda ter conhecimento sobre a legislação que lhes assegura o direito à utilização dessa língua:

Julia: Antes era difícil na escola, na quinta série a professora interpretava, era bom, eu era feliz...

Thomas: É preciso, está na lei, é preciso chamar intérprete, é importante, ajuda...

Enquanto Júlia e Thomas mencionam sobre a função do intérprete na escola, direito que de fato está atualmente garantido pela legislação brasileira (BRASIL, 2005), Luana também apresenta suas dificuldades em seu ambiente de trabalho, nas situações de reunião ou aplicações de questionários:

Luana: Há uma lei sobre o intérprete de Libras, é necessário. Nas cidades ao redor tem, mas aqui falta. É difícil, paciência. Eu leio as projeções, mas tenho preguiça, em Libras é melhor. Quando eu leio, não entendo bem as palavras em Português, é difícil. Eu fico quieta... é difícil (...). Quando tem algum teste, é difícil. Nas reuniões... quando vão mostrar o que não pode fazer, eu leio...

Marin e Góes (2006, p. 238) também apontam para a questão das barreiras linguísticas entre surdos e ouvintes em local de trabalho, ressaltando que nas instituições onde

há funcionários surdos, as explicações e as regras anunciadas pela chefia são transmitidas, em geral, unicamente pela modalidade oral:

[...] não há a presença de intérpretes, nem mesmo em alguns momentos, nessas situações formais e de grandes responsabilidades. Entendemos que o surdo deve ser cobrado profissionalmente assim como o ouvinte; no entanto, não poderiam ser privados de informações/orientações necessárias para seu desempenho.

Entende-se, portanto, que a discussão sobre a presença do intérprete nesses ambientes consiste em uma necessidade preeminente, principalmente em função das dificuldades de integração que os surdos sofrem devido à falta de comunicação com os colegas, tanto em situações de trabalho, quanto nas situações em ambiente escolar.

A comunicação oral também foi apontada como um recurso utilizado por quatro entre os dez participantes, especialmente em situações nas quais o interlocutor é ouvinte:

Mário: *Eu falo um pouco (...) com a família não utilizo a Libras.*

Vera: *Eu falo e uso a Libras, os dois (...). Eu faço leitura labial e entendo um pouco.*

Thomas: *Com a família só uso a leitura labial porque eles não entendem Libras (...). A comunicação oral é importante para estudar, entende... é necessário fazer a terapia fonoaudiológica, entende, para estudar, entender sempre, eu também uso o aparelho porque quero ouvir...*

Julia: *Eu falo (oralmente) um pouco, uso os dois (...), eu falo um pouco, eu quero falar, tenho vontade de falar.*

É importante ressaltar que o uso do sinal correspondente ao ato de falar foi

interpretado conforme o contexto da situação de entrevista. Sendo assim, considerou-se a importância de explicitar, quando necessário, o tipo de fala indicada pelo participante em sua narrativa – fala oral ou gestual.

De qualquer forma, o aspecto mais importante que merece destaque aqui é a já referida questão do uso da língua relacionado ao interlocutor. Embora não seja necessário lembrar que os surdos usuários de Libras são minoria dentro de uma sociedade ouvinte, o direito ao uso da língua de sinais enquanto uma comunicação mais efetiva entre os surdos também reflete a preocupação de reafirmação do grupo, conforme aponta Gesser (2009), ao abordar o conceito de cultura surda. Porém, o interesse pela comunicação oral, manifestado por esses participantes, surge também diante de outras instâncias, como o já mencionado fracasso da escola em ensinar a Língua Portuguesa escrita para o aluno surdo que se comunica por Libras, uma língua que, ao contrário do que muitos acreditam, não é uma versão sinalizada da língua oral, nem deve ser considerada como um meio para favorecer seu aprendizado (GESSER, 2009).

No entanto, apesar de todas essas dificuldades, a língua escrita também foi apontada pelos participantes como um recurso comunicativo, na impossibilidade do interlocutor compreender a língua de sinais.

Em situações de comunicação entre surdos e ouvintes, em que o ouvinte tem pouca fluência na Libras, a escrita poderia ser considerada como um recurso auxiliar para que se favoreça a interação. Contudo, frente à já citada dificuldade da escola diante do ensino do Português para surdos, ocorre muitas vezes que, ao apresentar alguma palavra escrita, ou soletrada através do alfabeto datilológico⁸, o surdo não tem conhecimento do significado da palavra apresentada.

Todavia, aquelas palavras de uso frequente no cotidiano específico do surdo

⁸ O alfabeto datilológico é um recurso da Libras utilizado para soletrar nomes próprios, palavras da Língua Portuguesa que não possuam sinais na Libras ou que sejam desconhecidas do interlocutor (QUADROS; KARNOPP, 2004).

poderiam ser por ele compreendidas, caracterizando assim uma alternativa de comunicação, como foi apontado por seis participantes:

Silvia: *Ela (tia) conhece pouco de Libras, eu ajudo, mas é difícil... (mostra o sinal de carro/dirigir), pergunto: “Entendeu?”, minha tia responde: “Não entendi...” aí eu escrevo e mostro.*

Luana: *Eu escrevo e mostro, escrevo e mostro... paciência...*

Mário: *Eu falo mais ou menos... falo um pouco, escrevo e mostro...*

Alexandre : *Eu escrevo e mostro... pouco, eu não entendo tudo não, só um pouco.*

Fábio: *Quando não me entendem, eu escrevo e mostro...*

Olívia: *Quando eu não entendo, precisam escrever e me mostrar, leitura labial é difícil... (...) eu escrevo e mostro, para a família... quando minha filha precisa faltar à escola porque está doente, eu escrevo (um bilhete) e a professora entende.*

Ainda que no presente estudo não se pretenda tratar sobre as possibilidades de aquisição da língua escrita por sujeitos surdos, ressalta-se aqui a forma como essa dificuldade surge nas falas dos participantes, bem como o que elas indicam: a compreensão da escrita como uma tentativa de remediar um problema maior – as dificuldades de interação com as pessoas ouvintes, decorrentes do desconhecimento sobre a língua de sinais.

Tendo-se levantado as principais concepções dos participantes sobre a surdez, a

língua de sinais e as interações sociais estabelecidas, o próximo bloco do presente estudo tratará da identificação de surdez a partir de características faciais, procedimento através do qual também se pretendeu investigar as concepções de surdez dos participantes, que porventura não tivessem se manifestado no decorrer da aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada.

3.4 Identificação das pessoas surdas

Através do teste sociométrico, buscou-se obter quais critérios são utilizados para identificar uma pessoa surda em fotografias, que serão apresentadas posteriormente, da mesma forma como foram mostradas aos participantes no momento da coleta dos dados, sendo que nenhuma das fotos tinha qualquer identificação.

A seguir, será apresentada uma breve descrição de cada fotografia, acompanhada da respectiva fonte, da Internet, das quais foram copiadas cada uma das fotos.

Foto 1: mulher de etnia caucasiana, olhos castanhos, cabelos escuros e ondulados, soltos, na altura dos ombros. Aparência de jovem adulta, com aproximadamente 25 anos de idade cronológica, expressão sorridente, mantendo os lábios cerrados. Trajava blusa de gola alta, na cor rosa, ambiente de fundo: escritório. Fonte: <http://img101.imageshack.us/img101/2386/whitegirlb.jpg>.

Foto 2: mulher de ascendência oriental, olhos castanhos, cabelos longos, ondulados, soltos, podendo ser observados à frente do corpo, com lenço colorido ao topo da cabeça. Aparência de jovem adulta, com aproximadamente 18 anos de idade cronológica, expressão sorridente,

exibindo os dentes. Trajava blusa regata, na cor verde, ambiente de fundo: residência. Fonte: www.mh2img.net/showoriginal-56307/httppt_br.tinypic.comview.phppic_2ev97o5_s_6.jpg

Foto 3: mulher da etnia caucasiana, olhos castanhos, cabelos escuros, presos na parte superior da cabeça, de modo que não se podia observar seu comprimento. Aparência de aproximadamente 30 anos de idade cronológica, expressão sorridente, exibindo os dentes. Trajava blusa regata, estampada, ambiente de fundo: provavelmente uma biblioteca, onde se via um vaso de antúrios logo atrás da pessoa da foto. Fonte: waiakeahigh.k12.hi.us/library/NaMea%20Pages/Chanel%20Deponte_files/image002.jpg

Foto 4: homem da etnia caucasiana, olhos castanhos, cabelos curtos, em tom de loiro escuro. Aparência jovem, de aproximadamente 25 anos de idade cronológica, expressão séria, lábios cerrados. Trajava camiseta de cor branca, ambiente de fundo: rua de bairro residencial. Fonte: media.theonion.com/images/articles/article/1501/onion_news1002_jpg_250x1000_q85.jpg

Foto 5: homem ouvinte, afrodescendente, olhos escuros, cabelos escuros e curtos. Aparência de adolescente com aproximadamente 15 anos de idade cronológica, expressão séria, lábios cerrados. Trajava blusa de moletom, na cor cinza, ambiente de fundo: muro de concreto. Fonte: www.mh2img.net/showoriginal-56306/httppt_br.tinypic.comt_postupload.jpg

Foto 6: homem da etnia caucasiana, cabelos escuros e curtos. Aparência de adulto com aproximadamente 45 anos de idade cronológica, expressão sorridente, exibindo os dentes. Trajava camisa de cor azul, com bolso lateral, no qual se via uma caneta, ambiente de fundo: rua de bairro residencial. Fonte: img814.imageshack.us/i/oldman.jpg/

Figura 1



FOTO 1

Figura 2



FOTO 2

Figura 3



FOTO 3

Figura 4



FOTO 4

Figura 5



FOTO 5

Figura 6



FOTO 6

As pessoas surdas – assim identificadas nos sítios da Internet – correspondiam às fotos 3 e 4. As demais fotografias, embora não apresentassem qualquer identificação na Internet, foram consideradas aqui como sendo de pessoas ouvintes.

O quadro a seguir apresenta as fotografias apontadas como sendo de pessoas com surdez e as justificativas/critérios em que os participantes se basearam para realizar tal escolha. Ressalta-se que as pessoas surdas – assim identificadas nos sítios da Internet – eram as das fotografias 3 e 4. As falas dos participantes serão apresentadas logo abaixo dos critérios descritos, com o intuito de demonstrar também a forma de classificação das justificativas dos participantes.

Participante	Fotos de mulheres	Justificativa	Fotos de homens	Justificativa
Roberto	FOTO 3	Identificação de prótese auditiva: <i>“Ela tem aparelho.”</i>	FOTO 6	Não soube justificar: <i>“Não sei, acho que é surdo.”</i>
Thomas	FOTO 1	Rosto de surdo: <i>“O rosto parece (de surdo).”</i>	FOTO 4	Estar quieto/de boca fechada: <i>“Está quieto... é surdo.”</i>
Silvia	FOTO 3	Rosto de surdo: <i>“Tem rosto de surdo.”</i>	FOTO 4	Rosto de surdo: <i>“Com certeza, tem rosto... e usa Libras também.”</i>
Julia	FOTO 1	Estar quieto/de boca fechada: <i>“Está sorrindo, quieta... parece surda, parece... o jeito... com certeza.”</i>	FOTO 6	Estar quieto/de boca fechada: <i>“Parece o jeito... parece, está quieto, o sorriso... não tem sorriso de ouvinte, parece quieto, é surdo...”</i>

Luana	FOTO 3	Identificação de prótese auditiva: “Acho que ela tem aparelho...” Exclusão de etnia: “Também é difícil ter surdos de olhos puxados...”	FOTO 4	Rosto de surdo: “Parece, o rosto, o jeito...”
Mário	FOTO 2	Semelhança com pessoas surdas conhecidas: “Acho que ela estuda lá...” (cita uma escola conhecida)	FOTO 4	Atratividade física facial: “Parece educado, é bonito...”
Alexandre	FOTO 3	Rosto de surdo: “Tem rosto de surdo, com certeza.”	FOTO 4	Rosto de surdo: “Eu conheço esse rosto, com certeza é surdo...” Estados subjetivos: “Esse parece esperto... (aponta para foto 6) esse parece esperto... (aponta para foto 5) esse é diferente, é surdo (aponta para foto 4).” Características físicas: “Também tem orelhas pequenas.”
Vera	FOTO 3	Rosto de surdo: “O rosto parece de surdo...”	FOTO 6	Rosto de surdo: “O jeito do rosto parece...”
Fábio	FOTO 1, depois	Identificação de	FOTO 4	Rosto de surdo :

	apontou a FOTO 3	prótese auditiva: <i>“Parece surda, com certeza... ela deve ter um aparelho... não estou vendo... ela não tem? (olha para as fotos e aponta a foto 3) ah, esta é a surda.”</i>		<i>“Tem rosto de surdo.”</i>
Olívia	FOTO 3	Identificação de prótese auditiva: <i>“Ela tem aparelho.”</i>	FOTO 6	Identificação de prótese auditiva: <i>“Parece ter um aparelho.”</i>

Quadro III: Identificação das pessoas com surdez

Ao todo, considerando-se as duas fotos que eram apontadas por cada participante, oito justificativas apareceram como critérios de identificação de surdez, sendo que um dos participantes não soube justificar sua escolha. Com relação a esse participante, mesmo a ausência de argumentos para justificar sua escolha pela foto apontada poderia ser considerada como um aspecto importante para o presente estudo, dada a natureza da condição que se pretende identificar na fotografia.

A justificativa “rosto de surdo” foi a mais utilizada pelos participantes, aparecendo nove vezes. Inicialmente, esse dado aparenta concordância com o que argumenta Omote (1993, p. 274) sobre os dados de um estudo semelhante sobre identificação de deficiências em fotografias, no qual alguns participantes afirmaram que algumas deficiências “estão na cara”. Porém, o que se observa por trás dessa ideia é a manifestação social do estereótipo da deficiência, conforme explicou Hinton (2000), a atribuição de características adicionais a uma pessoa ou grupo, além do esforço direcionado à homogeneização dessa característica a todos os membros do grupo (OMOTE, 1988).

Outra justificativa bastante utilizada, que aparece cinco vezes, foi a identificação

de prótese auditiva, sendo que a foto 3 é apontada com maior frequência por esse critério. Diante desse fato, alguns aspectos merecem ser aqui discutidos.

Embora na visualização de todas as fotografias não se percebesse qualquer elemento externo que pudesse fornecer pistas ao participante de qual seria a foto da pessoa surda, a utilização desse critério – que também é utilizado na escolha das fotos 1 e 6 – sugere inicialmente a ideia de ausência de outros elementos que pudessem indicar a surdez em alguém.

Contudo, o fato da mesma fotografia ter sido a mais escolhida pelos participantes, aliado ao fato de que essa realmente era a fotografia de uma pessoa surda – identificada assim na Internet – também poderia indicar o oposto: haveria, portanto, algum indício facial capaz de demonstrar a existência de surdez em um dado sujeito, e que estivesse sendo encoberto pela suposta presença de uma prótese auditiva?

Na tentativa de responder tal questionamento, outros critérios de identificação foram apontados, como o fator “estar quieto (ou com a boca fechada)”, que surgiu três vezes. Considerando a já mencionada dificuldade de comunicação do surdo com a sociedade não conhecedora da língua de sinais, essa poderia ser uma justificativa bastante representativa para esse estudo, não fosse um grande detalhe importante: o fato de que esse critério é utilizado apenas com relação à foto 4, enquanto que a foto 5 apresenta a mesma característica citada (estar com a boca fechada). Porém, esse aspecto será melhor discutido posteriormente.

As demais justificativas tiveram apenas uma ocorrência por participante, embora não deixem de ter considerável importância por essa razão. Em especial, caberia destacar o critério de “exclusão de etnia”, através do qual foi excluída a fotografia da garota de ascendência oriental, pelo fato de que a participante em questão não conhecia surdos desse grupo étnico.

Entretanto, observou-se que no critério “semelhança com pessoas surdas

conhecidas” a mesma fotografia, anteriormente excluída devido à etnia, nesse momento é escolhida precisamente pelo fato de que o participante conhecia uma pessoa surda com características semelhantes. Sendo assim, embora aspectos étnicos possam ter influenciado algumas escolhas dos participantes, desconsidera-se aqui qualquer possível associação entre surdez e etnia. A atratividade física facial também foi utilizada como critério de identificação de surdez, sendo esse um fato que poderia ser confrontado com alguns resultados da pesquisa de Omote (1993), que demonstraram uma tendência dos participantes – sem deficiência – em apontar fotografias de pessoas com baixa atratividade física facial como sendo de pessoas com deficiência.

Contudo, nessa comparação, vale ressaltar alguns aspectos, tais como possíveis variações no conceito social de deficiência, influenciadas pelas sucessivas mudanças nos paradigmas da relação estabelecida ao longo dos tempos entre a sociedade e a pessoa com deficiência (ARANHA, 2001); a diferença entre o grupo de participantes do estudo mencionado e o da presente pesquisa – surdos que se comunicam em língua de sinais; e ainda, o próprio conceito de atratividade física facial, que no presente trabalho encontra-se como um aspecto subjetivo, diretamente relacionado à opinião exclusiva do participante, diferenciando-se da pesquisa de Omote (1993), que se fundamentou em outros estudos (OMOTE, 1988; 1991) que definiam previamente quais das fotografias a serem apresentadas correspondiam a pessoas de alta ou baixa atratividade física facial, na opinião de participantes com características semelhantes.

Além disso, por se tratar de um estudo realizado com pessoas surdas, acredita-se que a forma como esses participantes descrevem a surdez é bastante diferente de como pessoas ouvintes o fariam. Contudo, tais possibilidades poderiam caracterizar novas temáticas para outras pesquisas posteriores.

Outro aspecto interessante pode ser observado com relação à categoria aqui

denominada “estados subjetivos”. Ao contrário do critério anteriormente citado, essa justificativa apresenta conceitos ainda mais restritos à visão do participante. Ao identificar o surdo por sua aparência de pessoa “não esperta” comparado às outras pessoas que considerou ouvintes, aqui também poderia ser retomada a discussão referente às barreiras comunicativas enfrentadas pelos surdos que se comunicam em língua de sinais. Nessas situações, uma pessoa surda poderia, de fato, se encontrar em condição de ignorância do que ocorre à sua volta, de modo que este poderia ser um aspecto facialmente visível e posteriormente identificável por um observador externo.

Por fim, uma característica física também é apontada como critério de identificação de surdez: orelhas pequenas. Aqui, diante de tal justificativa, cabe novamente a reflexão sobre a dificuldade de acesso a vários tipos de informações, inclusive aquelas que se referem à própria etiologia da surdez e aos aspectos biológicos relacionados a essa condição.

Todas as justificativas apresentadas pelos participantes como critério de identificação de surdez podem ser sintetizadas no gráfico abaixo:

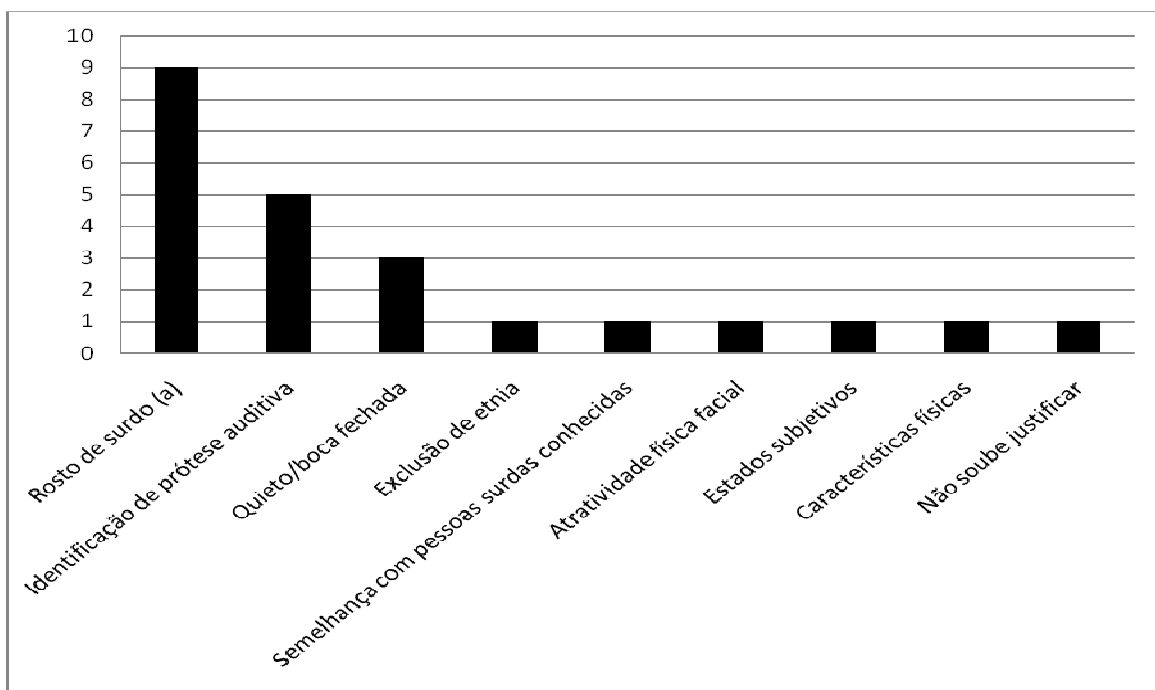


Figura 7: Ocorrências de justificativas apresentadas na identificação das pessoas com surdez

Ao observar as fotografias que foram apontadas pelos participantes, alguns elementos importantes merecem destaque na presente análise. Entre eles, o fato de que as fotos mais escolhidas como sendo de pessoas surdas também eram as mesmas que estavam assim identificadas nos sítios da Internet dos quais foram retiradas.

Com relação à foto 3, dois critérios são utilizados para sua escolha: identificação de prótese auditiva (quatro justificativas) e “rosto de surdo” (três justificativas).

A identificação de uma prótese auditiva – que na realidade não se observa na pessoa da foto – também é apresentada na escolha de outras duas fotos, a 1 e a 6. Porém, quando a foto 1 é escolhida a partir dessa justificativa, ao notar a impossibilidade de observar as orelhas da pessoa apresentada, o participante muda sua escolha rapidamente para a foto 3:

Fábio: *“Parece surda, com certeza... ela deve ter um aparelho... não estou vendo... ela não tem? (olha para as fotos e aponta a foto 3) ah, esta é a surda”*.

Desse modo, o elemento externo é ressaltado como o aspecto mais representativo na identificação de uma pessoa surda em fotografias, mesmo em circunstâncias nas quais esse elemento não pode ser visualizado.

O outro critério que surge na escolha dessa foto, “rosto de surdo”, também é o mais utilizado pelos participantes ao escolher a foto 4. Dessa forma, nas ocasiões em que não é possível identificar um elemento externo que possa ser relacionado à surdez, surge a possibilidade de que existam, aspectos faciais que poderiam ser associados a essa condição.

Contudo, a precisão exata de quais seriam tais aspectos é um ponto que ainda necessita de outras formas de verificação para que seja alcançado. Ainda assim, as outras justificativas utilizadas para fundamentar as escolhas dos participantes poderiam ser

consideradas pistas importantes nessa investigação.

Estar quieto (ou com a boca fechada) foi um critério apontado para a escolha da foto 4 e também das fotos 1 e 6. A utilização dessa justificativa a princípio não seria causa de estranheza, diante do fato de que os participantes se comunicam em língua de sinais, ou seja, pressupõem que os surdos das fotos também poderiam se comunicar dessa forma – o que explicaria seu estado de silêncio.

Entretanto, observou-se que, de forma inesperada, uma fotografia de uma pessoa que também apresentava essa mesma característica – estar com a boca fechada, demonstrando silêncio – não foi apontada uma única vez por quaisquer dos participantes: a foto 5.

De modo particular, esse fato causou certa estranheza, pois diante do fato de que a fotografia 5 era de um jovem de etnia afrodescendente, acreditava-se na possibilidade de que algum dos quatro participantes dessa etnia pudessem indicar essa foto como sendo de pessoa surda em função da identificação por grupo étnico.

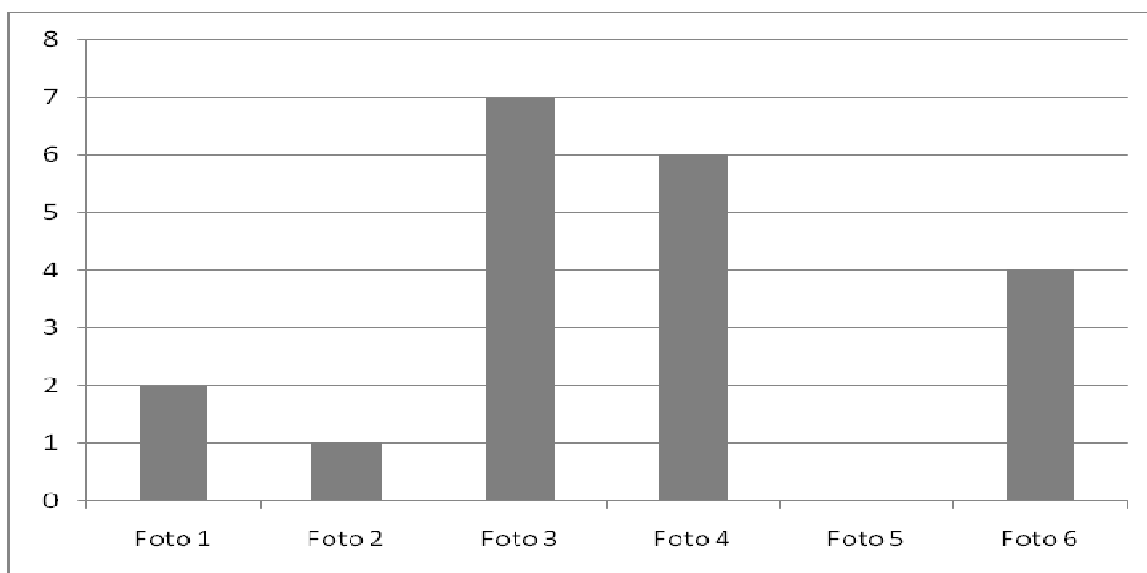


Figura 8: Frequência de escolha de fotografias apontadas como sendo de pessoas surdas

Nessas circunstâncias, seria necessário considerar o caráter socioantropológico da surdez, enquanto grupo que constitui uma minoria linguística dentro da sociedade: nas

narrativas dos participantes no momento da entrevista semiestruturada, observou-se a ocorrência de diversas situações envolvendo desprezo e discriminação, comum também a outros grupos minoritários, que também sofrem com situações semelhantes, envolvendo preconceito e humilhação.

Essa poderia ser considerada uma das razões para que uma pessoa da etnia afrodescendente, que, portanto, já apresenta o estigma visível (GOFFMAN, 1988) de uma condição socialmente desvalorizada, não fosse considerada como alguém elegível para apresentar mais uma característica que a situasse novamente em posição de desvantagem, e à mercê da dupla discriminação – ainda que, dentre os participantes, houvesse aqueles que apresentassem tal condição.

Os resultados obtidos na pesquisa desenvolvida por Oliveira (1993) demonstram alguns aspectos que poderiam ser aqui relacionados com o fenômeno observado. No estudo em questão, a autora analisou o autoconceito de alunos de etnia afrodescendente e situações de preconceito percebidas nas falas dos próprios alunos e de seus colegas, constatando que alguns atributos físicos relacionados a essa etnia pareciam ser mais ou menos desvalorizados no contexto social investigado, em função de outros aspectos. Porém, o modo como essas características eram percebidas pelo grupo também influenciava a forma como as crianças investigadas se descreviam: embora alguns dos alunos apresentassem atributos físicos semelhantes – e todos relacionados ao mesmo grupo étnico – a forma como esses eram percebidos pelo grupo estava associada a diversos outros fatores, como gênero ou condição socioeconômica.

Também aqui se observa a relevância de todos esses fatores: diante da possível identificação com dois grupos sociais distintos – um caracterizado pela etnia afrodescendente e outro pela condição de surdez, parece ocorrer a anulação da identificação com um determinado grupo em situações específicas, devido à prevalência de identificação por outro

grupo, sendo que nesse contexto muitos outros aspectos estão envolvidos.

De qualquer forma, também aqui se confirma o que os dados do estudo realizado por Oliveira (1993) indicaram: a identificação entre pessoas de um mesmo grupo social nem sempre ocorre da mesma forma, pois o contexto social em que se inserem os sujeitos envolvidos interfere drasticamente na percepção de determinados fatores; nele estão presentes o social, o histórico, o ideológico e as relações de poder presentes na sociedade.

Entretanto, caberia também ressaltar outra possibilidade para a não identificação de surdez na escolha da foto 5: o próprio fato de que a pesquisadora que realizava a aplicação do teste sociométrico com os participantes também era da etnia afrodescendente, fato que, nessas circunstâncias, oferece grandes possibilidades de ter influenciado de alguma forma as respostas apresentadas.

Após todas as considerações apresentadas até aqui, observou-se que, de um modo geral, os critérios utilizados pelos participantes ao identificar a surdez estiveram pertinentes às visões sobre essa condição, descritas no momento da entrevista semiestruturada. Nesse aspecto, de um modo particular, caberia retomar a justificativa utilizada pelo participante Alexandre, ao identificar a surdez a partir de um elemento subjetivo, porém extremamente relevante, que situa o surdo em uma posição bastante desfavorável em relação ao ouvinte, conforme se analisou diante de sua fala:

Alexandre: *Este parece esperto (aponta para a foto 6)... este parece esperto (aponta para a foto 5)... este é diferente (aponta para a foto 4), é o surdo.*

Associada a uma condição que poderia ser considerada aqui como falta de esperteza, ou talvez ignorância, a surdez é ressaltada enquanto desvantagem, na fala desse participante. Tal percepção surge de modo a confirmar seu relato anterior no momento da entrevista semiestruturada, na qual Alexandre descreve seu sentimento de tristeza em relação

ao fato de ter nascido surdo.

É possível perceber, portanto, que parece existir também algum tipo de relação entre a forma como um surdo percebe a surdez e as dificuldades de escolarização enfrentadas pelos surdos que se comunicam em língua de sinais, diante do grande desafio que caracteriza a educação do aluno surdo, fato que ainda está longe de deslumbrar soluções efetivas para a maioria desses alunos.

À parte de toda a problemática que envolve a trajetória educacional do surdo, pela natureza da presente pesquisa, é preciso destacar aqui o impacto que esse aspecto apresenta na formação da concepção de surdez, uma vez que a escolarização é um aspecto muito valorizado, de modo que aqueles que não estão inseridos nesse processo se encontram em situação de desvantagem – e esse aspecto é percebido pelo surdo, que, não reconhecendo a falha do sistema educacional, aponta na condição de surdez a causa de sua desvalorização perante à comunidade ouvinte.

3.5 Influência da surdez nas interações sociais

De acordo com Hinde (1976; 1977), para descrever uma interação é necessário compreender o que os participantes fazem juntos e como o fazem. Assim, uma série de interações sucessivas entre duas pessoas constituirá um relacionamento. As relações interpessoais entre sujeitos com histórias individuais específicas são influenciadas pelo contexto sociocultural em que se estabelecem, bem como pelas experiências individuais de cada sujeito envolvido nesse processo.

De acordo com o mesmo autor, para entender os relacionamentos entre os seres humanos é necessário compreender não apenas a visão que cada pessoa apresenta de si, mas também a percepção de como os outros o percebem. Nessa perspectiva, cabe então considerar

que o modo como os surdos percebem a visão do ouvinte sobre a surdez terá grande influência também na percepção sobre as relações sociais, no caso de amizade.

Consequentemente, as interações intergrupo que ocorrem no contexto da comunidade surda também são fundamentais para a compreensão das relações envolvendo sujeitos surdos, pois “são nossas amizades e relacionamentos que nos tornam membros reais das nossas comunidades” (STRULLY; STRULLY, 1999, p. 175).

No estudo sobre amizades na adultez, Souza e Hutz (2007) apontam três unidades de análise que têm sido muito utilizadas: o sujeito, a díade e o sistema. As pesquisas que mantêm o foco no sujeito procuram investigar como este percebe determinado relacionamento com outra pessoa, e como suas ações contribuem para o desenvolvimento dessa relação. As díades são analisadas correlacionando as percepções de ambos os sujeitos sobre o relacionamento. Já os sistemas são estudados considerando não apenas as relações entre os integrantes da díade, mas também a interação desta com outras pessoas importantes de uma rede social mais ampla.

No presente estudo, buscou-se investigar como o surdo percebe seus relacionamentos com outros surdos e com pessoas ouvintes. Nesse direcionamento, a análise do segundo momento do teste sociométrico esteve fundamentada nas concepções dos participantes sobre a condição de surdez e sobre as interações sociais relatadas no momento da entrevista semiestruturada. A escolha das fotografias para possíveis relacionamentos de amizade foi realizada em duas etapas, aqui descritas como primeira e segunda escolhas – ou seja, antes e depois da pesquisadora informar quem eram as pessoas surdas. O quadro a seguir apresenta as fotos escolhidas e os respectivos critérios de escolha utilizados, acompanhados de algumas falas dos participantes.

Participante	Primeira Escolha	Justificativa	Segunda Escolha	Justificativa
Roberto	foto 5 e foto 6	Gênero (masculino) (inicialmente apontou para todas as fotos dos homens)	foto 3 e foto 4	Surdez/Libras <i>“Porque são surdos, dá para conversar...”</i>
Thomas	foto 3 e foto 5	foto 3: Surdez/Libras <i>“Parecer ter (prótese auditiva)”...</i> foto 5: Sem justificativa relevante <i>“Só para conversar... preciso ter amigos.”</i>	foto 4 e foto 3	Surdez/Libras <i>“Preciso ter amigos surdos também... que também saibam Libras.”</i>
Silvia	foto 4 e foto 3	Surdez/Libras <i>“Gosto de surdos.”</i>	foto 3 e foto 4	Surdez/Libras (Não muda a escolha, nem a justificativa)
Julia	foto 1 e foto 6	Surdez/Libras <i>“Porque parecem surdos...”</i>	foto 3 e foto 2	foto 3: Surdez/Libras <i>“Parece surda mesmo, o rosto, o jeito...”</i> foto 2: Sorriso <i>“Está sorrindo, parece feliz... eu gosto de quem sorri.”</i>
Luana	foto 1 e foto 5	foto 1: Sem justificativa relevante <i>“Ela parece ser legal...”</i> foto 5: Surdez/Libras <i>“Ela se parece</i>	foto 1 e foto 5	Condição de ouvinte <i>“Eu gosto (dos ouvintes)... não desprezo, não, é preciso ter união...”</i>

		<i>com aquela pessoa surda (faz o sinal de alguém)...”</i>		
Mário	foto 4 e foto 6	foto 4: Surdez/Libras <i>“Parece surdo.”</i> foto 6: Condição de ouvinte <i>“Ele é falante (ouvinte), amigos juntos (aponta para foto 4) este usa Libras... escolho os dois, amigos juntos.”</i>	foto 4 e foto 6	foto 4: Surdez/Libras foto 6: Condição de ouvinte (Não muda a escolha, nem a justificativa)
Alexandre	foto 3 e foto 4	Surdez/Libras <i>“Quero conversar com os surdos, ver...”</i>	foto 3 e foto 4	Surdez/Libras Não muda a escolha, nem a justificativa
Vera	foto 1 e foto 2	Gênero (feminino) <i>“Gosto de passear com as amigas...”</i> Etnia <i>“Gosto de pessoas com olhos puxados.”</i>	foto 3 e foto 2	foto 3: Surdez/Libras foto 2: Condição de ouvinte <i>“Quero conversar com amigos ouvintes... se tiver intérprete, ela (aponta para foto 2) pode aprender, treinar... aí aprende rápido, igual você.”</i>

Fábio	foto 1 e foto 5	Sem justificativa relevante <i>“Amigos para encontrar... e conversar, só isso...”</i>	foto 1 e foto 5	Sem justificativa (Não muda a escolha)
Olívia	foto 3 e foto 6	Surdez/Libras (escolhe os que acreditava que fossem surdos)	foto 3 e foto 6	foto 3: Surdez/Libras foto 6: Sem justificativa (Não muda a escolha)

Quadro IV: Escolha das fotografias para possíveis amizades

Na escolha das fotos para possíveis relacionamentos de amizade, surgem cinco critérios de escolha: Gênero; Surdez/Libras; Sorriso; Condição de ouvinte; Etnia.

O critério de gênero foi utilizado por dois participantes, referindo-se às fotos de homens e depois às fotos de mulheres.

Observou-se que nas justificativas dos participantes que envolviam a condição de surdez, a comunicação em Libras aparecia de maneira implícita – ou seja, não houve a consideração de que as pessoas apontadas como surdas pela pesquisadora pudessem se comunicar oralmente. Esse aspecto, possivelmente relacionado ao fato de que todos os participantes surdos utilizavam a Libras como língua predominante, motivou a denominação dessa categoria como Surdez/Libras.

Entretanto, a condição de ouvinte da pessoa da foto apontada surge como um critério importante, manifestando uma expectativa geral, que aparece expressa na fala de uma participante, ao afirmar que deseja a convivência entre ouvintes e surdos.

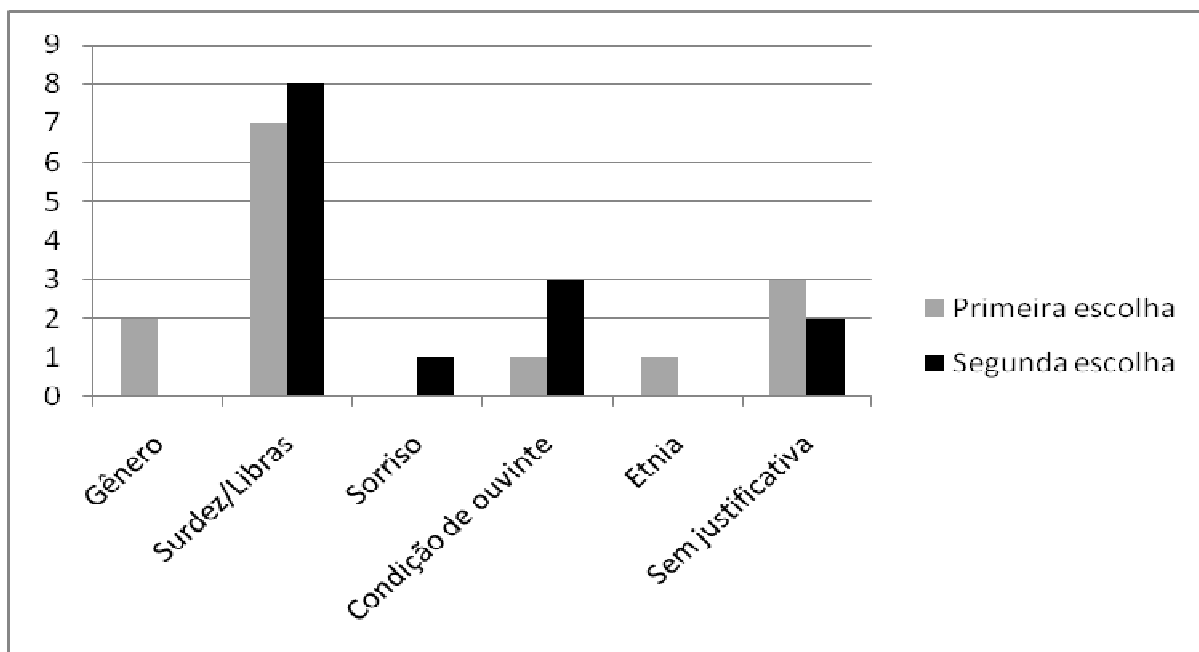


Figura 9: Número de ocorrências por justificativa apresentada na escolha das possíveis amizades

Outros critérios, como sorriso e etnia são utilizados apenas uma vez, porém foram aqui considerados como justificativas importantes. Especificamente, com relação à preferência de etnia apresentada por uma participante, caberia mencionar que, ainda que outras etnias não tenham sido mencionadas, observou-se que para a escolha de possíveis amizades todas as fotos são apontadas ao menos uma vez – o que não ocorreu no momento da identificação da surdez, quando a foto de um jovem afrodescendente não é apontada, nem mesmo pelos participantes surdos que também eram dessa mesma etnia. No entanto, nesse momento do teste sociométrico, a foto 5 é apontada por quatro participantes, sendo que apenas um deles era da mesma etnia do rapaz da foto.

Com relação às fotos escolhidas, conforme já mencionado anteriormente, na primeira escolha todas são apontadas ao menos uma vez. No entanto, no que se refere ao fator surdez, observou-se que esse aspecto teve grande influência nas escolhas das fotos apontadas no segundo momento, no qual as fotos das pessoas apresentadas como surdas são notavelmente mais apontadas.

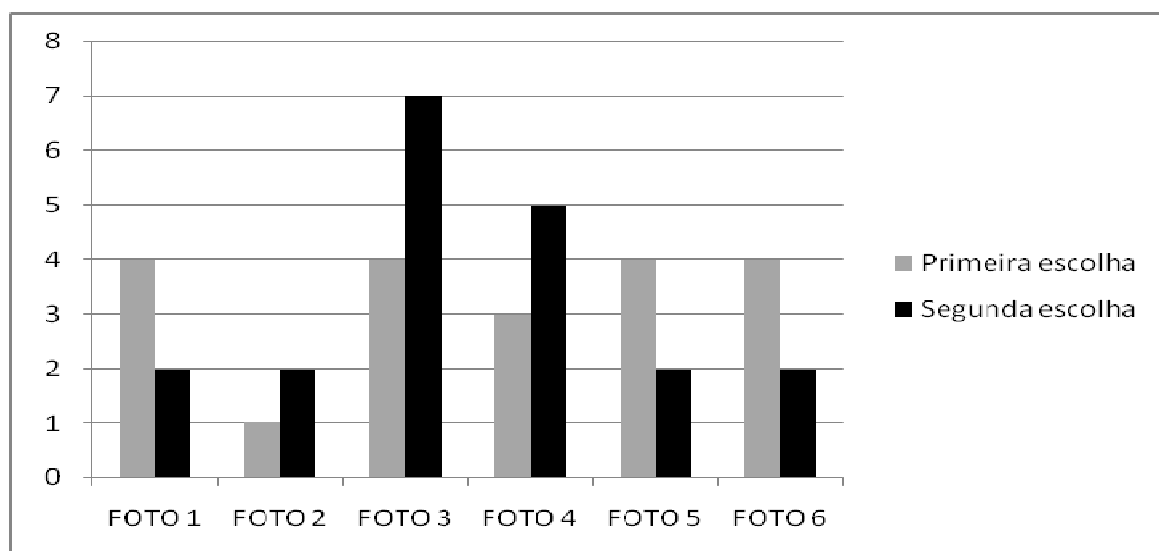


Figura 10: Frequência de escolha das fotografias para possíveis amizades

De um modo geral, observou-se que, na segunda escolha, todos os participantes, com exceção de Fábio e Luana, escolhem ao menos uma das pessoas apresentadas como surdas (foto 3 e foto 4), para estabelecer relações de amizade. Sobre esse fato, a escolha de Fábio parece estar baseada em sua concepção de que os surdos e os ouvintes são iguais, portanto, qualquer um deles poderia ser apontado como um amigo em potencial.

Já a escolha de Luana aparece fundamentada no desejo de convivência entre surdos e ouvintes. Ao fazer uma relação com a fala dessa participante no momento da entrevista, surge a hipótese de que o fato de trabalhar em um ambiente no qual ela é a única pessoa surda possa ter influenciado sua preocupação com a necessidade de aproximação entre os dois grupos. No entanto, Luana também demonstra que essa expectativa também se consolide no contexto da comunidade surda:

Luana: Eu me lembro que antes, lá em Marília, tinha mais surdos, que sempre andavam em grupo, os ouvintes ficam separados...

Apesar da aparente contradição na fala desta participante, que por vezes declara

um desejo de convivência com os ouvintes, mas por outro lado sente falta de um ambiente no qual os ouvintes ficavam separados, novamente vêm à tona outros aspectos, como o preconceito e a consequente autoafirmação do grupo minoritário, que dessa forma parece tentar se promover por uma ideologia perpetuada nos discursos fundamentados em defesa da prevalência da identidade surda em relação a outros tipos de identificação social (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Contudo, para além da discussão sobre os fatores relacionados à comunidade surda, é necessário ressaltar aqui um aspecto que na presente análise torna-se bastante evidente: as possibilidades interativas que surgem de forma mais espontânea entre os surdos que utilizam a língua de sinais também denuncia o fato de que seus relacionamentos sociais acabam por se tornarem restritos ao contexto da comunidade surda.

Como exemplo dessa afirmação, apresenta-se a seguir as justificativas dos participantes Roberto e Thomas, ao apontar fotos de pessoas surdas como possíveis amigos, e a justificativa de Vera, ao apontar a foto de uma pessoa ouvinte:

Roberto: *Porque os surdos podem conversar...*

Thomas: *É necessário surdos... para sermos amigos, surdos que também saibam Libras.*

Vera: *Quero conversar com amigos ouvintes... se tiver intérprete, ela (aponta para foto 2) pode aprender, treinar... aí aprende rápido, igual você.*

De modo particular, caberia ressaltar a breve alusão à pesquisadora, feita pela participante Vera, ao exemplificar uma pessoa ouvinte que conhece a Libras, demonstrando que as possibilidades de interação entre surdos e ouvintes são possíveis e desejadas pelos

surdos.

Por outro lado, analisando a atual realidade em que a Libras ainda é associada de forma negativa à surdez enquanto condição de desvantagem, conforme anunciado ao longo da presente discussão, é possível inferir que o aspecto linguístico também tenha influenciado a escolha por amizades de pessoas ouvintes, por aqueles participantes que já no momento da entrevista relataram seu interesse pela língua oral, como a participante Júlia.

Dessa forma, justifica-se, portanto que essa modalidade linguística também esteja mais presente nos diversos ambientes sociais, ainda que minimamente, nos diversos locais públicos fundamentais, além da escola. Desse modo, se tornariam viáveis as possibilidades interativas entre surdos e ouvintes, além da valorização dessa língua na sociedade, a fim de que a Libras possa deixar de ser considerada como última opção, tornando-se de fato a primeira língua do surdo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos com o estudo aqui apresentado, evidencia-se o fato de que as diferentes visões sobre a condição de surdez estão muito além das discussões dualistas sobre formas de comunicação, que podem ser observadas nos mais diversos ambientes sociais, inclusive no espaço de produção científica acadêmica. De imediato, a complexidade que caracteriza as várias concepções de surdez presentes na sociedade se traduz na quebra de uma visão dualista para transformar-se aqui em multifacetada, que supera as argumentações teóricas que partem em defesa de um modelo a ser seguido.

Nesse direcionamento, a compreensão da surdez a partir de uma visão histórico-cultural de sujeito possibilita também um novo olhar para essa condição, pelas experiências vivenciadas em diferentes contextos, caracterizando assim um processo contínuo e em constante transformação. Por essa razão, como apontou Rocha (2009, p. 124), “para enfrentarmos os processos históricos é preciso, primeiramente, reconhecê-los”.

No entanto, considerar essa afirmação implica em admitir, primeiramente, que o campo teórico no qual se estabelecem os múltiplos discursos sobre a surdez remete a narrativas históricas nas quais as questões políticas e ideológicas se sobressaem aos aspectos cotidianos que continuam camuflados nos ambientes em que a realidade atual dos surdos permanece anônima e distante das discussões que se prolongam, a pretexto de inclusão social.

Ao lado dessa armadilha conceitual, encontra-se o surdo. Em sua fase adulta, tendo percorrido diferentes caminhos e enfrentado atraso de linguagem, fracasso escolar, preconceito, discriminação e aquisição tardia de uma língua, sua visão de surdez perpassa as mais diversas possibilidades, até resumir-se a uma condição que não se explicaria apenas pelo *que é*, mas principalmente por *quando é*. Nesse processo, dois fatores tornam-se determinantes de sua condição: a língua; e o contexto social, que torna essa língua mais ou

menos valorizada e, conseqüentemente, proporciona maior ou menor desvantagem para o sujeito que dela se utiliza.

Tais aspectos demonstram a necessidade de garantir ainda que o surdo tenha acesso a uma língua capaz de constituir sua subjetividade, o que significa favorecer o acesso precoce ao seu aprendizado – que hoje lhe é oferecido como última alternativa – mas que continua sendo a língua que a maioria dos surdos irá adquirir, cedo ou tarde, ou seja, a língua de sinais.

Na realidade analisada no presente estudo, observou-se que o aprendizado da Libras possibilitou aos surdos a própria autoafirmação enquanto ser diferente, com necessidades distintas que devem ser respeitadas e exigidas, visto que estão garantidas pelas normativas legais.

O aspecto linguístico também esteve bastante presente nos momentos em que os participantes mencionam a importância de ter alguém para conversar, o estabelecimento de amizades com surdos que saibam Libras, ou ainda, a presença do intérprete enquanto mediador nas relações interpessoais. No entanto, todas essas considerações se fazem necessárias na compreensão de como se dão as escolhas e preferências dos surdos diante das possibilidades de interação social, com outros surdos ou com ouvintes.

Por essa razão, nas situações de pesquisa envolvendo participantes surdos, caberia também ressaltar o diferencial que representa a análise de conteúdo em relatos expressos em língua de sinais, uma vez que a maioria dos estudos conta com presença de intérpretes na coleta dos dados. Ou seja, por se tratar de uma língua, cabe então analisar melhor o seu conteúdo no discurso, fato ainda pouco encontrado nas bases científicas consultadas, tais como Google Acadêmico ou Scientific Electronic Library Online – SciELO.

Ainda que a contribuição do intérprete de Libras seja um fator importante nessas circunstâncias, a análise direta das narrativas dos participantes, considerando suas

especificidades linguísticas, amplifica e aprofunda as possibilidades de análise dessas falas. Tais aspectos justificam o estímulo às pesquisas que busquem analisar entrevistas realizadas em língua de sinais, inserindo assim novas perspectivas metodológicas para o estudo da surdez.

Outro procedimento investigativo destacado no contexto do estudo aqui apresentado foi a utilização do teste sociométrico. Diante da tarefa de identificar a surdez enquanto um fator a ser observado no outro, na fotografia, constatou-se que os elementos identificadores estiveram mais relacionados às concepções particulares e a fatores associados à trajetória de vida pessoal dos participantes do que a características reais, presentes e visíveis nas fotografias apresentadas.

Contudo, para que tais dados pudessem ter maior representatividade, no que tange ao estudo da percepção das deficiências à luz de elementos físicos faciais, seria necessário expandir a presente investigação a situações que permitissem verificar os mesmos objetivos do estudo aqui realizado, com participantes ouvintes, a fim de comparar as realidades dos dois grupos em questão, ou até mesmo com maior número de participantes surdos, na tentativa de averiguar se esses achados se confirmam em tal situação.

Entretanto, é importante ressaltar o fato de que a participação do surdo na realização dos estudos sobre a surdez torna-se imprescindível diante da objetividade da forma como este discorre sobre sua própria condição, retomando aspectos que nem sempre podem ser percebidos apenas por investigações de cunho essencialmente teórico, distantes da realidade tal como ela se apresenta. As narrativas dos próprios surdos sobre suas concepções de surdez podem ser comparadas ao que defende Sá (2002. p. 368-369), com relação aos aspectos educacionais do surdo:

[...] a melhor condição para definir enfoques e parâmetros para a educação de surdos, é, inequivocamente, o ser surdo, tal como quem melhor pode questionar a educação indígena, é o próprio índio, ou, quem melhor pode avaliar a educação para imigrantes são os próprios, no entanto, estes grupos nem sempre são chamados ao

debate que antecede a criação de políticas públicas. Os surdos têm sido calados, silenciados diante das políticas oficiais. Nesta luta por poderes e saberes talvez esta seja a principal causa do fracasso/exclusão educacional e social dos surdos. Urge que os próprios surdos narrem a história do que significa ser surdo e de como entendem que deve ser um projeto pedagógico adequado a sua especificidade.

Outra questão, já abordada anteriormente (KLEIN, 2005), mas que merece ser aqui retomada diante dos relatos observados, refere-se à pouca atuação dos surdos no mercado de trabalho, justificada pelos baixos níveis de escolaridade apresentados por essas pessoas, mas também a uma concepção ainda bastante presente na sociedade que relaciona surdez à incapacidade.

As próprias relações interpessoais entre surdos e ouvintes nos ambientes de trabalho apareceram aqui como um pedido de atenção para uma triste realidade, agravada pelas barreiras comunicativas que isolam o surdo das possibilidades interativas, mesmo quando estas são necessárias para o bom desempenho de suas funções.

Em geral, todos os aspectos que surgiram no decorrer do processo investigativo puderam trazer novas formas de compreensão das experiências vivenciadas por adultos surdos no círculo social analisado, o que permite formular hipóteses sobre as diferentes realidades dos surdos brasileiros, numa análise mais geral .

No entanto, para que essas realidades possam ser contempladas em todas as suas especificidades, inicialmente é necessário que o seu caráter diversificado seja aceito. Isso significa que não se pode chegar ao novo percorrendo os velhos caminhos: antes de tudo, é preciso considerar que a verdade pode estar presente em diferentes concepções sobre um mesmo fenômeno.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, São Paulo, ano XI, n. 21, p. 160-173, Março, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009. Original publicado em 1977.

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 1, p. 101-111, Jan/Abr, 2004.

BEHARES, L. Línguas e identificações: as crianças surdas entre o “sim” e o “não”. In: SKLIAR, Carlos (Org). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Volume I. Porto Alegre: Mediação, 1999.

BITTENCOURT, Z. L. C.; MONTAGNOLI, A. P. Representações sociais da surdez. *Medicina*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 40, p. 243-249, abr./jun. 2007.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial[da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.

_____. Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.

BRITO, L. F. *Por uma gramática da língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras): volume 1: sinais de A a H*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009a.

_____. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras): volume 2: sinais de I a Z*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b.

CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005.

DORZIAT, A. *Deficiente auditivo e surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos*. Associação de Surdos do Porto, 2003. Disponível em: <<http://d91601.tinf28.tuganet.info/artigo.asp?idartigo=78>> Acesso em 09/12/2010.

FELIPE, T. *Libras em contexto: curso básico: livro do estudante cursista*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____.; CORREIA, C. M. C. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 7-25.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 21-39, Julho/2002.

GESSER, A. *Libras?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292. Jan./Abr. 2006.

GÓES, M. C. R. *Linguagem, surdez e educação*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____.; CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-Posições*, Campinas, v. 17, n. 2, p. 31-45, Maio/Ago. 2006.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINDE, R. A. *Relationships: a dialectical perspective*. London: Psychology Press, 1997.

_____. Towards understanding relationships: dynamic stability. In: BATESON, P. P. G.; HINDE, R. A. *Growing points in ethology*. London: Cambridge University Press, 1976. p. 451-480.

HINTON, P. R. *Stereotypes, cognition and culture*. London: Psychology Press, 2000.

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 87-103.

KLEIN, M. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 75-93.

LACERDA, C. B. F. *Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

_____. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 13, n. 2, p. 257-280, Mai.-Ago. 2007.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (Orgs.) *Uma escola, duas línguas: letramento em Língua Portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 11-32.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. Tradução de Cristina Reis.

LEITE, L. P. *A intervenção reflexiva como instrumento de formação continuada do educador: um estudo em classe especial*. 2003. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978a.

_____. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978b.

LOPES, M. C. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAIA, A. C. B. *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARCHESI, A. Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 3. p. 198-214.

MARIN, C. R.; GÓES, M. C. R. A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 231-249, maio/ago. 2006.

MOLON, S. I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. 1996. 235f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, A. A. S. O conceito de deficiência em discussão: representações sociais de professores especializados. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.10, n.1, p. 59-74, Jan.-Abr, 2004.

OLIVEIRA, I. M. Autoconceito, preconceito: a criança no contexto escolar. In: SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. R. (Orgs.). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1993, p. 153-177.

OMOTE, S. Alguns resultados de estudos de estereótipos a respeito de pessoas deficientes. *Vivência*, São José, v. 4, p. 2-6, 1988.

_____. Atratividade física facial e percepção de deficiências. *Didática*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 115-124, 1993.

_____. Avaliação de atratividade física facial: delineamento de um procedimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.7, n.3, p.285-294, 1991.

_____. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 1, n. 2, p. 65-73, 1994.

_____. *Estereótipos de estudantes universitários em relação a diferentes categorias de pessoas deficientes*. 1984. 262f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERLIN, G. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

PRESTES, Z. R. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional*. 2010. 203f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

QUADROS, R. M. O “bi” em bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). *Surdez e bilingüismo*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 27-37.

_____.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, S. M. Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). 2009. 160f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

SÁ, N. R. L. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.* Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582. Maio/Ago. 2005.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 7-32.

_____. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: _____. (Org.) *Educação e Exclusão*. 3. Ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001. p. 105-155.

SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C.; ZANOLLI, M. L. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 23, n. 3. p. 279-286. Jul/Set. 2007.

SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 125-132, maio/ago. 2007.

STRULLY, J. L.; STRULLY, C. As amizades como um objetivo Educacional: o que apreendemos e para onde caminhamos. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 169-183.

VIANNA, H. M. *Testes em educação*. São Paulo: IBRASA, 1982.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Paulo Bezerra.

_____. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.

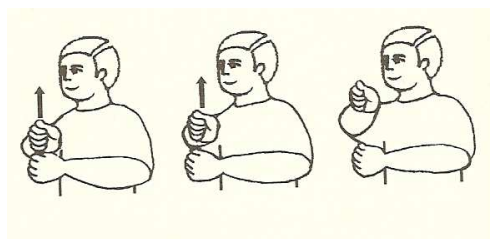
_____. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICE A - Informações adicionais sobre a Libras

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, as línguas de sinais não se resumem ao alfabeto manual, que são apenas representações das letras do alfabeto das línguas orais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Porém a utilização desse recurso é necessária para expressar nomes próprios de pessoas, lugares, siglas, ou ainda, palavras da língua oral que não possuam um sinal correspondente (GESSER, 2009).

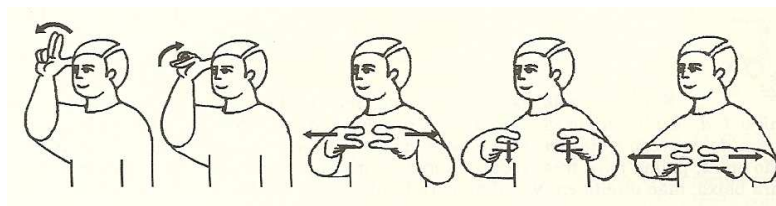
As línguas de sinais também possuem todos os aspectos gramaticais presentes nas línguas orais-auditivas. Por essa razão, a partir das línguas de sinais é possível expressar qualquer conceito, concreto ou abstrato (GESSER, 2009).

Os sinais da Libras podem ser simples ou compostos, independentemente da forma como ocorrem na Língua Portuguesa (FERNANDES, 2003), como se pode observar no exemplo a seguir, na palavra *guarda-chuva*, composta na Língua Portuguesa, e representada por um único sinal da Libras:



sinal de GUARDA-CHUVA⁹

Por outro lado, a palavra *zebra* é representada pela composição dos sinais referentes a cavalo e listras:

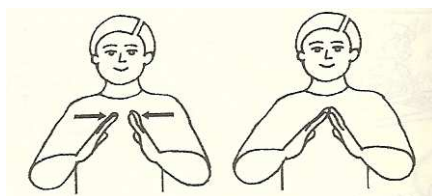


⁹ Todas as figuras dos sinais da Libras foram retiradas de CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO (2009a; 2009b).

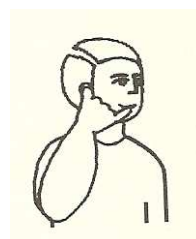
sinal de ZEBRA

A Libras possui alguns sinais icônicos, relacionados ao ambiente no qual ocorrem, como por exemplo, os sinais usados para as palavras *casa* e *telefone*. Porém, a maioria deles não faz alusão ao objeto real, ou situação descrita, como ocorre com os sinais das palavras *conhecer* e *banheiro*.

Exemplos de sinais icônicos



sinal de CASA



sinal de TELEFONE

Exemplos de sinais não icônicos

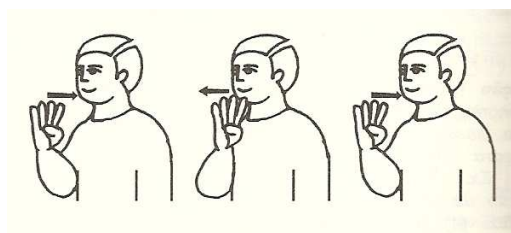
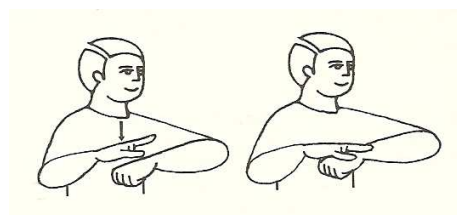
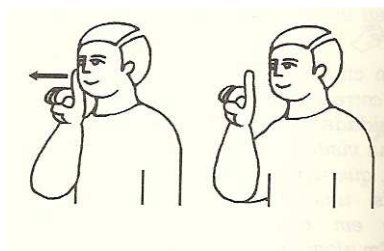


Figura 5: sinal de CONHECER



sinal de BANHEIRO

Em alguns sinais, observa-se a evidência da influência da Língua Portuguesa em sua formação. Para representar a palavra *dia*, a execução do sinal é realizada com a mão configurada no sinal correspondente à letra D, no alfabeto



sinal de DIA

No entanto, esses casos não expressam uma regra, visto que a maioria dos sinais da Libras tem sua origem em situações do contexto da interação entre os membros da comunidade surda, de modo que muitos sinais são executados com configurações de mão que podem corresponder a letras que não estejam presentes na palavra escrita em Português.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONCEPÇÕES DE SURDEZ EM ADULTOS SURDOS FLUENTES EM LÍNGUA DE SINAIS.

PESQUISADORA: Mara Aparecida de Castilho Lopes

Orientadora: Lúcia Pereira Leite

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Diferentes concepções de surdez podem ser encontradas na literatura, porém a presente pesquisa destina-se a buscar a representação de surdez que o próprio sujeito apresenta de sua condição. O objetivo é identificar as representações sociais do sujeito surdo adulto fluente em Libras a respeito da surdez, verificando a influência que essa concepção poderia ter nas interações sociais desse sujeito. O método consistirá de entrevista semiestruturada e teste sociométrico. As entrevistas serão filmadas para transcrição posterior.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:

Quando necessário, o participante poderá procurar o pesquisador para esclarecimento das etapas de desenvolvimento da pesquisa. Basta procurar a pesquisadora Mara Aparecida de Castilho Lopes, pelo telefone residencial ou celular, e também no endereço

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS

Em qualquer momento o participante poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS

As identidades dos participantes serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador do R.G. nº _____, nascido em ____/____/____, telefone (____) _____-_____, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Declaro que recebi cópia desse documento por mim assinado.

Bauru, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante Voluntário

Assinatura do responsável pelo estudo

APÊNDICE C - Questionário de caracterização dos participantes

NOME:

- Idade:
- Estado civil:
- Etnia:
- Estrutura familiar (pessoas com quem reside):
- Filhos:
- Escolaridade:
- Ocupação profissional:
- Época da perda auditiva:
- Etiologia da surdez:

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista semiestruturada

A) Concepção de surdez:

- Como você se sente com relação à surdez?
- O que você acha que as pessoas ouvintes pensam sobre os surdos?
- O que você pensa sobre surdos/surdez?

B) Natureza da deficiência e aprendizagem da Libras:

- Como você adquiriu a surdez?
- Quando e como foi sua aprendizagem da Libras?

C) Formas de comunicação entre pares:

- Como você se comunica com as pessoas da sua família, escola ou trabalho?
- Quando as pessoas não entendem o que você diz através da Libras, qual é a sua atitude frente a isso?

D) Interação social com ouvintes e surdos

- Você realiza alguma atividade com outras pessoas surdas? Quais?
- Você realiza alguma atividade social com pessoas ouvintes? Quais?

APÊNDICE E - Exemplo de transcrição da entrevista semiestruturada

Participante: Thomas

LEGENDA:

PESQUISADORA: M

PARTICIPANTE: T

M: VOCÊ NASCER SURD@/SURDEZ JÁ... O-U DEPOIS DOENÇA SURD@/SURDEZ, COMO? QUAL VOCÊ NASCER?

T: PORQUE SURD@/SURDEZ TAMBÉM ACONTECER NASCER, TAMBÉM OUVIR POUCO...

M: NASCER OUVIR POUCO?

T: POUCO, COMEÇAR... ACONTECER DOENÇA... MAL... PESQUISAR... CERTO, SURD@/SURDEZ. TAMBÉM FONOAUDIOLOG@, COMO, SEMPRE, FALAR, TAMBÉM LEITURA-LABIAL, TAMBÉM SABER TUDO...

M: DEPOIS... EXEMPLO, DEPOIS NASCER...

T: GRÁVIDA, OLHAR... “SURD@/SURDEZ?”... NUNCA LIBRAS, NADA.

M: NUNCA LIBRAS?

T: TAMBÉM OUVIR, CHAMAR, SURD@/SURDEZ... CHAMAR, TAMBÉM CHAVE (gesto de balançar as chaves)

M: ENTENDER.

T: FAMÍLIA SABER PORQUE PRECISAR AJUDAR, FONOAUDIOLOG@, PESQUISAR, VER, SURD@/SURDEZ ESCOLA TAMBÉM LIBRAS... EU ENTENDER LIBRAS...

M: QUEM ENSINAR LIBRAS? (faz o sinal do centro de reabilitação bilíngue)?

T: COPIAR/IMITAR SURD@/SURDEZ. AMIG@ SURD@/SURDEZ, TAMBÉM...

M: (faz o sinal do centro de reabilitação bilíngue)?

T: NÃO, ANTES FONOAUDIOLOG@, ANTES CRIANÇA COPIAR/IMITAR LIBRAS, CRESCENDO... EU GUARDAR LEITURA-LABIAL.

M: COMEÇAR FALAR TAMBÉM (faz o sinal e soletra o nome do centro de reabilitação oral)?

T: SIM.

M: POR-QUE APRENDER PRECISAR APRENDER LIBRAS? QUEM TE-ENSINAR LIBRAS?

T: LEI LIBRAS, PRECISAR LIBRAS, GOSTAR LIBRAS, TAMBÉM AMIG@ CONVERSAR LIBRAS, GOSTAR MAIS, FUTURO COMO, NASCER TAMBÉM CRIANÇA, CRESCER SURD@/SURDEZ TAMBÉM... OUVINTE TAMBÉM, LIGAR SURD@/SURDEZ... PRECISAR ENSINAR TAMBÉM. FUTURO APRENDER.

M: ENTENDER. VOCÊ COMEÇAR TE-ENSINAR LIBRAS VOCÊ IDADE? LEMBRAR IDADE?

T: IDADE, CRIANÇA?

M: APRENDER LIBRAS, IDADE?

T: CINCO.

M: CINCO? APRENDER LIBRAS... ENTENDER... MAS DEPOIS SU@ FAMÍLIA SABER LIBRAS, SABER?

T: NÃO, NADA...

M: NADA? AV@ NADA?

T: NADA, IDADE CINCO ANOS, CASA AV@ DENTRO, ANTES, PORQUE NASCER MORAR VERDADE, ANTES NASCER SÃO PAULO PORQUE MÃE FICAR, AV@ ADOPTAR, BEBÊ... VIR BAURU PORQUE CUIDAR, FONOAUDIOLOG@, DOENÇA

SEMPRE GUARDAR, CRESCER FAMÍLIA SEMPRE...

M: ENTENDER.

T: FAMÍLIA MÃE NÃO.

M: SUA AV@ SABER NADA LIBRAS? NADA?

T: NÃO...

M: VOCÊ COMUNICAÇÃO AV@ COMO?

T: ENTENDER, COMUNICAR FALAR... COMUNICAR...

M: FALAR?

T: COMO, FALAR, COMUNICAÇÃO, IMPORTANTE, ESTUDAR, ENTENDER...
PRECISAR FONOAUDIOLOG@, ENTENDER, SOZINH@, ESTUDAR, EXPLICAR,
ENTENDER SEMPRE, USAR APARELHO TAMBÉM, PORQUE OUVIR USAR...

M: VOCÊ USAR APARELHO...

T: USAR, PILHA ACABAR... SÓ FONOAUDIOLOG@...

M: ENTENDER. AGORA VOCÊ CONTINUAR IR (faz o sinal do centro de reabilitação oral) O-U SÓ (faz o sinal do centro de reabilitação bilíngue)?

T: TODA-SEXTA...

M: TODA-SEXTA, (faz o sinal do centro de reabilitação bilíngue)? (faz o sinal do centro de reabilitação oral) ACABAR?

T: SIM.

M: ENTENDER. MAS VOCÊ APRENDER FALAR POUCO TAMBÉM, COMUNICAÇÃO BO@ FALAR TAMBÉM, DOIS.

T: FAMÍLIA SÓ LEITURA-LABIAL... PORQUE LIBRAS EL@ ENTENDER NÃO LIBRAS. TAMBÉM AMIG@ SURD@/SURDEZ LIBRAS SEMPRE... (cerca os lábios como quem está evitando falar) SEMPRE, LIBRAS. FAMÍLIA, LEITURA-LABIAL SEMPRE.

M: SEPARAR. DIFERENTE. EXEMPLO, TER SURD@ FALAR SÓ, LIBRAS ENTENDER-NÃO, FALAR... TER SURD@ LIBRAS, FALAR NADA, DOIS SURD@ IGUAL, DIFERENTE, OPINIÃO, PENSAR, IGUAIS, DIFERENTES?

T: TAMBÉM SURD@ FÁCIL, TAMBÉM LIBRAS, COMO, LEITURA-LABIAL TAMBÉM ENTENDER, SURD@/SURDEZ IGUAL... MAS SURD@/SURDEZ TER... (faz o sinal de um amigo surdo conhecido de ambos) SEMPRE LEITURA-LABIAL POUCO, NÓS-IGUAIS, TAMBÉM LIBRAS POUCO, COMUNICAÇÃO. DIFERENTE, PORQUE TELEFONE, CONVERSAR, O-QUÊ... DIFERENTE. IGUAL NÃO, DIFERENTE.

M: DIFERENTE?

T: SURD@ MELHOR, PORQUE OUVINTE FAMÍLIA, SOZINH@, SURDO FÁCIL LIBRAS, IMPORTANTE.

M: FÁCIL?

T: FÁCIL IMPORTANTE LIBRAS ESTUDAR, COMUNICAÇÃO DIFERENTE LIBRAS, COMUNICAÇÃO SEMPRE, LEITURA-LABIAL ENTENDER, LIBRAS TER-NÃO, DIFÍCIL, LIBRAS... COMO, ENTENDER-NÃO... LER, ENTENDER, COMO LIBRAS...

M: MAS AGORA VOCÊ SENTIR/JEITO COMO SENTIR/JEITO PORQUE SURDO FALAR TAMBÉM LIBRAS SENTIR COMO VOCÊ SENTIR... FELIZ, TRISTE,

T: SENTIR FELIZ PORQUE AGORA... ANTES TRISTE, SENTIR SURD@ CONHECER-NÃO, EU GOSTAR CHAMAR, PASSEAR JUNTO AMIG@, CONVERSAR, LIBRAS FÁCIL, GOSTAR MAIS.

M: MAS AGORA VOCÊ FELIZ, SURD@ FELIZ... BO@... QUAL, SURD@, OUVINTE, QUAL, GOSTAR O-QUÊ, SURD@, OUVINTE, QUAL...

T: TAMBÉM, SURD@, TAMBÉM OUVINTE DIFÍCIL...

M: OUVINTE DIFÍCIL?

T: PORQUE FALAR POUCO EU SABER... GOSTAR TAMBÉM DOIS, MAS OUVINTE NÃO, FÁCIL. SURD@, IMPORTANTE, PASSEAR, CONVERSAR, AMIGO@ PASSEAR

SABER GOSTAR, JEITO/SENTIR MAIS.

M: ENTENDER. PESSOA OUVINTE, EXEMPLO, EL@ PESSOA OUVINTE, TE-OLHAR, SURD@/SURDEZ..., O-QUÊ PENSAR, O-QUÊ, SURD@/SURDEZ... PENSAR PESSOA OUVINTE, TE-OLHAR, PESSOA PENSAR O-QUÊ?

T: PORQUE OUVINTE OLHAR... SURD@/SURDEZ COMO... DEPENDE, PORQUE PERCEBER, “SURD@/SURDEZ?”, “EU SURD@/SURDEZ MAS USAR, ENTENDER, DEUS... NASCER, ESCOLHER, SURD@/SURDEZ...

M: ENTENDER.

T: TAMBÉM, EXEMPLO, JEITO, CEG@, SURD@CEG@, NADA, CADEIRA-DE-RODAS TAMBÉM... PERCEBER, MAS... SURD@/SURDEZ, “CONFIAR-NÃO”, EXPLICAR, “EU SURD@/SURDEZ, IMPORTANTE, MÃE NASCER PORQUE SURD@/SURDEZ PORQUE LIBRAS IMPORTANTE MAS SURD@/SURDEZ NÃO OUVIR/OUVINTE, PRECISAR JUNTO AMIG@, SURD@/SURDEZ DIFÍCIL NÃO, AMIG@, SOZINH@, CONHECER-NÃO SURD@/SURDEZ...” DEPENDE.

M: ENTENDER. PENSAR OUVINTE PENSAR, OLHAR, PENSAR BOM, RUIM... QUAL?

T: RUIM...

M: RUIM?

T: ... DISCRIMINAR. PODER-NÃO. LEI. MAS DISCRIMINAR PODER-NÃO. LEI.

M: ENTENDER.

T: LEI VER, PODER-NÃO FALAR...

M: VER, DISCRIMINAR... GOSTAR-NÃO...

T: GOSTAR-NÃO, CAÇOAR...

M: CAÇOAR...

T: PORQUE FUTURO, DEUS NASCER IGUAL SURD@/SURDEZ... VER, “SURD@/SURDEZ”, CAÇOAR... FUTURO NASCER, DEUS FALAR “SURD@/SURDEZ”... IGUAL...

M: ENTENDER... VOCÊ PENSAR, VER, PENSAR O-QUÊ, “SURD@/SURDEZ”, O-QUÊ PENSAR?

T: EXEMPLO, SURD@/SURDEZ... PERCEBER SURD@/SURDEZ TAMBÉM... CONHECER-NÃO... “SURD@/SURDEZ? CASA ONDE, CASA? EU CASA AQUI, EU TAMBÉM SURD@/SURDEZ, CONVERSAR, COMUNICAR, AMIG@ CONVIDAR, ESTUDAR TAMBÉM, LIBRAS TAMBÉM, SURD@/SURDEZ PERCEBER...

M: “VOCÊ SURD@”, BOM, O-U RUIM?

T: RUIM NÃO, EU CONHECER-NÃO, “PRAZER”, CONVIDAR, PRECISAR... PENSAR SURD@ MORAR LONGE... EXEMPLO... CONHECER-NÃO, IMPORTANTE. UNIÃO, CARNE. IMPORTANTE, IRM@. IMPORTANTE, CARNE, SURD@. PRECISAR JUNTO, UNIÃO, AMIG@.

M: UNIÃO SEMPRE...

T: SEMPRE.

M: ENTENDER. LEGAL. SE, EXEMPLO, IR, CONVERSAR... OUVINTE, ENTENDER-NÃO LIBRAS, COMO COMUNICAÇÃO, COMO?

T: EXEMPLO, “ENTENDER-NÃO?”, EU CHAMAR...

M: CHAMAR?

T: AMIG@ ENTENDER LEITURA-LABIAL POUCO, SABER LIBRAS TAMBÉM, EU CHAMAR, EU ENTENDER-NÃO, COMUNICAÇÃO, “COMO FALAR, O-QUÊ?” EXEMPLO, EU PRECISAR IR-EMBORA, PRECISAR TELEFONAR, CHAMAR, IMPORTANTE CHAMAR, EU SURD@/SURDEZ, ACONTECER DOENÇA, QUALQUER... CHAMAR, TELEFONE, PRECISAR CHAMAR MÃE, PAI... TAMBÉM BRIGA, ACONTECER, CHAMAR, BATER, ACONTECER CHAMAR, PRECISAR...

M: ENTENDER...

T: PRECISAR CHAMAR PROFESSOR@, ENTENDER LEITURA-LABIAL, AJUDAR...

M: ENTENDER. VOCÊ EXEMPLO ESTUDAR, TRABALHAR SEMPRE PRECISAR PESSOA , ENTENDER LIBRAS COMUNICAR CHAMAR O-U TENTAR FALAR, EXPLICAR, EXEMPLO, SE, TER-NÃO PESSOA INTÉRPRETE, COMO, COMUNICAÇÃO?

T: EXEMPLO, PESSOA... EU ENTENDER-NÃO, ESCREVER, “ENTENDER-NÃO, EU SABER-NÃO”, PRECISAR LEI CHAMAR PESSOA INTÉRPRETE PRECISAR IMPORTANTE AJUDAR... EL@ SABER, OUVINTE, SURD@ PRECISAR CHAMAR PRECISAR LIBRAS AJUDAR EXPLICAR HISTÓRIA...

M: ENTENDER. VOCÊ TER AMIG@S SURD@ MUIT@ TER... VOCÊ FAZER O-QUÊ AMIG@ SURD@, GOSTAR FAZER O-QUÊ? GOSTAR FAZER, PASSEAR... TRABALHAR, ESTUDAR...

T: EXEMPLO, PASSEAR, CINEMA, EXEMPLO, PASSEAR, COMER PIZZA, CONVERSAR, COMUNICAR LIBRAS LEGAL, PASSEAR VIAJAR, PRAIA, PASSADO EU PASSEAR VIAJAR AMIG@S CONVIDAR PORQUE ME-PERGUNTAR (faz o sinal de alguém) EU... AMIG@ PORQUE SÃO PAULO... VOCÊ VER ORKUT...

M: VER.

T: PORQUE CONVIDAR SURD@ PRAIA PORQUE CONVIDAR ME-PERGUNTAR, “VOCÊ SURD@ PRAIA”, DIFERENTE, POR-ISSO... IMPORTANTE PASSEAR FELIZ SURD@/SURDEZ.

M: ENTENDER. LEGAL. VOCÊ TAMBÉM TER AMIG@ OUVINTE... NÃO? OUVINTE?

T: OUVINTE... POUCO... PORQUE CONVIDAR JUNTO, IMPORTANTE GRUPO, CASA AMIG@ PASSEAR JUNTO...

M: TAMBÉM, OUVINTE?

T: EU. LIBRAS. PENSAR, TAMBÉM LEITURA-LABIAL, RIR, CONVERSAR...

M: IGUAL?

T: IGUAL... IGUAL OUVINTE SABER, AMIG@... IGUAL.

M: AMIG@ SURD@, AMIG@ OUVINTE, QUAL ESCOLHER?

T: SURD@ ESCOLHER.

M: SURD@ MELHOR?

T: MELHOR...

M: ENTENDER.

T: TAMBÉM, MAS OUVINTE AFASTAR PODER-NÃO PORQUE AMIG@.

M: AMIG@ TAMBÉM.

T: IGUAL NÃO, DIFERENTE, SEPARAR.

M: ENTENDER. SEPARAR MAS VOCÊ TAMBÉM GOSTAR OUVINTE. GOSTAR TAMBÉM.

T: SIM.

APÊNDICE F - Exemplo de transcrição do teste sociométrico

Participante: Alexandre

M: TER DOIS SURD@, UM@ MULHER SURD@, UM@HOMEM SURD@, VER...
QUEM PENSAR SURD@? ESCOLHER...

A: ESCOLHER DOIS?

M: DOIS SURD@, UM@MULHER, UM@HOMEM.

A: (aponta foto 3) SURD@, CERTO.

M: POR-QUE? ROSTO?

A; CONHECER-NÃO...

M: MAS POR-QUE PARECER SURD@?

A: PARECER SURD@, CERTO...

M: HOMEM QUAL?

A: (aponta para foto 6) OUVINTE... (aponta para foto 5) OUVINTE... (aponta para foto 4) SURD@.

M: (aponta para foto 4) EST@? POR-QUE?

A: ROSTO CONHECER CERTO, SURD@.

M: ROSTO, BRAV@? (como os sinais são parecidos, confirmando a resposta do participante)

A: (aponta para foto 6) EST@ ESPERT@... (aponta para foto 5) EST@ ESPERT@... (aponta para foto 4) ESTE DIFERENTE, SURD@.

M: EST@ ROSTO DIFERENTE?

A: ORELHA PEQUENA.

M: ORELHA PEQUENA?

A: SIM.

M: AGORA VOCÊ ESCOLHER DUAS PESSOAS VOCÊ QUERER AMIG@.
QUALQUER, MULHER, HOMEM, QUALQUER.

A: (aponta para fotos 3 e 4)

M: AMIG@, POR-QUE?

A: AMIG@ VER... PERGUNTAR VOCÊ.

M: MAS POR-QUE ESCOLHER EST@ (aponta para foto 3) EST@ (aponta para foto 4)

A: QUERER CONVERSAR, VER...

M: O-K. FALAR VERDADE, SURD@ VERDADE (aponta para fotos 3 e 4)

A: (sorri)

M: QUERER TROCAR ESCOLHER AMIG@ O-U NÃO, CONTINUAR?

A: CONTINUAR, CERTO.

M: O-K.